



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

SEBASTIANA SOUSA REIS FERNANDES

**MÍNIMO PAREMIOLÓGICO BRASILEIRO: FUNDAMENTOS TEÓRICO-
METODOLÓGICOS**

FORTALEZA
2014

SEBASTIANA SOUSA REIS FERNANDES

MÍNIMO PAREMIOLÓGICO BRASILEIRO: FUNDAMENTOS TEÓRICO-
METODOLÓGICOS

Tese submetida ao Curso de Doutorado em Linguística do Departamento de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal do Ceará (UFC), como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Rosemeire Selma Monteiro-Plantin.

FORTALEZA

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos
pelo(a) autor(a)

F1m Fernandes, Sebastiana Sousa Reis.
 Mínimo Paremiológico Brasileiro: Fundamentos Teórico-Metodológicos
 / Sebastiana Sousa Reis Fernandes. – 2014.
 99 f. : il. color.

 Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades,
 Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2014.
 Orientação: Profa. Dra. Rosemeire Selma Monteiro-Plantin.

 1. Provérbio. 2. Paremiologia. 3. Mínimo paremiológico. I. Título.

CDD 410

SEBASTIANA SOUSA REIS FERNANDES

MÍNIMO PAREMIOLÓGICO BRASILEIRO: FUNDAMENTOS TEÓRICO-
METODOLÓGICOS

Tese de Doutorado submetido ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal do Ceará (UFC), como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística. Linha de Pesquisa: Linguística Aplicada.

Aprovada em: 20/06/2014

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rosemeire Selma Monteiro Plantin (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof.^a Dr.^a Elizabete Aparecida Marques
Universidade Federal Mato Grosso do Sul – UFMS

Prof.^a Dr.^a Suzete da Silva
Universidade Estadual Londrina - UEL

Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro da Silva Aragão
Universidade Federal do Ceará - UFC

Prof.^a Dr.^a Ana Célia Clementino Moura
Universidade Federal do Ceará – UFC

Dedico essa Tese a Deus, pela força espiritual recebida nos momentos de insegurança e imprevistos da vida diária. Obrigada. A meus pais, *in memoriam*, Raimundo Enes dos Reis e minha mãe Delzuita de Sousa Reis, motivo de meu desejo de crescer profissionalmente.

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos aqui expressos declaram que esta tese de doutoramento não foi concebida por um único fio condutor, mas por vários. Agradecer é reconhecer que todo o processo de autoria não foi individual, mas coletivo. Cada um, aqui citado, contribuiu a seu modo para que este trabalho final acontecesse. Portanto, “a união faz a força” e assim agradeço a todos citados nesta tese de doutoramento.

À Prof.^a Dr.^a Rosimeire Selma Monteiro-Plantin, por ter acreditado em mim desde o início, sugerindo a primorosa ideia de trabalhar com o Mínimo Paremiológico do Português do Brasil. Agradeço sua paciência e confiança no meu crescimento acadêmico. Sou imensamente grata por tudo!

À Banca de Qualificação, em particular a Prof.^a Dr.^a Ana Célia Clementino Moura a quem dedico eterna gratidão pelas orientações dispensadas diante da indecisão em definir a temática desta pesquisa.

Ao Prof. Dr. Júlio Araújo, cujas sugestões foram gentilmente dadas para a melhoria científica desta tese.

À Banca Examinadora formada pelas professoras doutoras Elizabete Aparecida Marques, da UFMS; Prof.^a Dr.^a Suzete Silva, da UEL; Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro da Silva Aragão, da UFCE, Prof.^a Dr.^a Ana Célia Clementino Moura, da UFC, pela generosidade em participarem desse importante momento de minha vida, partilhando gentilmente seus conhecimentos na análise minuciosa da temática estudada.

Aos docentes da UFC que durante o DINTER abriram caminhos a novos conhecimentos com importantes discussões, necessárias para o entendimento do fenômeno científico a ser trabalhado em nossa pesquisa.

À CAPS, pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio durante o estágio doutoral na UFC.

Aos meus filhos, Thiago e Tallita pelo incentivo permanente e confiança em mim depositada, entendendo os momentos de estresse e insegurança e, no exato momento, fortaleciam-me com “calma tudo vai dar certo”. Obrigada meus filhos!

Às minhas irmãs Maria José e Raimunda Maria, pela disponibilidade em ouvir minhas aflições durante o longo caminho na escrita desta tese, apoiando-me nesta empreitada.

Ao Magnífico Reitor Francisco Roberto Brandão Ferreira, do Instituto Federal do Maranhão (IFMA), por conceder-me a realização deste sonho, quando realizou, junto à UFC, o DINTER.

Ao Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação Prof. Dr. Porfírio Candenedo Guerra da Universidade Estadual do Maranhão, meus sinceros agradecimentos por entender o valor do conhecimento renovado para o corpo docente da Instituição a qual faço parte. Agradecimento estendido ao Magnífico Reitor Prof. José Augusto da Silva Oliveira.

Aos professores dos Departamentos dos Cursos de Letras do IFMA e da UEMA, pela compreensão dispensada durante os dois anos de afastamento das minhas atividades pedagógicas em turmas de minha responsabilidade. Obrigada

A todos os amigos e alunos que direta ou indiretamente torcem e acreditam na minha força de crescer profissionalmente e que esta vontade seja espelhada por eles a qualquer momento de suas vidas.

OBRIGADA!!

RESUMO

Esta pesquisa busca estabelecer as bases teórico-metodológicas para identificação dos principais provérbios de conhecimento de brasileiros, os quais possam atestar parte da competência linguística de um falante brasileiro. O estudo visa estabelecer o Mínimo Paremiológico do Português do Brasil, por meio de uma pesquisa experimental que se insere na área de Linguística Aplicada, ancorada no campo da fraseologia, com apoio em pesquisa bibliográfica. O método aplicado para construção dos dados foi o estatístico, com uma abordagem quantitativa, contemplando as estratégias da disponibilidade e do reconhecimento de provérbios apresentados a informantes de diferentes idades e níveis de escolarização. Para o estabelecimento deste Mínimo Paremiológico, partimos de pressupostos teóricos já estabelecidos em trabalhos semelhantes em outras línguas tais como: Permiakov (1989), língua russa; Tarnosvska (2002), língua espanhola; Vyshnya (2008), língua ucraniana. No estabelecimento do Mínimo Paremiológico do Português do Brasil, constatamos quantas e quais sentenças proverbiais um falante nativo tem conhecimento para ser considerado um usuário competente desta língua, no que se refere ao provérbio, tendo em vista que os provérbios constituem parte da bagagem cultural dos membros de uma dada comunidade linguística. Os resultados alcançados poderão contribuir para com o enriquecimento do acervo Paremiológico do português do Brasil, assim como servirá de ferramenta didática para alunos, professores e tradutores de língua materna e estrangeira, quando esta tese for disponibilizada para as instituições de ensino em que se trabalha e, posteriormente, com a publicação desta tese.

Palavras-chave: provérbio; paremiologia; mínimo paremiológico.

ABSTRACT

This research seeks to establish the theoretical and methodological basis for identifying key sayings of Brazilian knowledge, who can testify of the linguistic competence of a Brazilian speaker. The study aims to establish the Portuguese of paremiological Minimum of Brazil, through an experimental research that is included in the Applied Linguistics area, anchored in the field of phraseology, with support in literature. The method applied for construction of the data was the statistician, with a quantitative approach, looking at the strategies the availability and recognition of proverbs presented to informants of different ages and educational levels. To establish this minimum paremiological we start from theoretical assumptions established in similar studies in other languages such as Permiakov (1989), Russian language; Tarnosvska (2002), Spanish; Vyshnya (2008), Ukrainian language. On establishing the Brazil Portuguese paremiological the minimum, we see how many and which proverbial sentences a native speaker knows to be considered a competent user of the language in relation to the saying, considering that the proverbs are part of the cultural background of the members of a given speech community. The results achieved may contribute to the enrichment of paremiological collection of the Portuguese of Brazil, as well as serve as a teaching tool for students, teachers and maternal and foreign language translators, when available a copy in educational institutions in which they work and, later, with the publication of the same.

Keywords: proverb; paremiology; minimum paremiological.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	HISTÓRICO DA FRASEOLOGIA.....	16
2.1	As parêmiias no repertório das unidades fraseológicas	18
2.2	Para que precisamos de um mínimo paremiológico?.....	21
2.3	Provérbios: da compreensão à definição	23
2.4	A universalização dos provérbios	31
2.5	Algumas pesquisas com o mínimo paremiológico já realizadas em outras línguas	42
2.5.1	<i>Mínimo paremiológico russo</i>	42
2.5.2	<i>O mínimo paremiológico espanhol</i>	43
2.5.3	<i>Mínimo paremiológico ucraniano</i>	44
2.5.4	<i>Outros estudos no campo da competência paremiológica realizados em outras línguas</i>	45
2.6	Breves considerações sobre o português brasileiro	48
2.7	A paremiologia brasileira.....	52
2.8	O lugar dos provérbios em materiais didáticos para o ensino de línguas	57
3	METODOLOGIA.....	61
3.1	Contextos da pesquisa	61
3.2	Sujeitos da pesquisa	61
3.3	Testes experimentais da pesquisa	62
3.3.1	<i>Teste experimental I - disponibilidade lexical</i>	62
3.3.2	<i>Teste experimental II - reconhecimento dos provérbios</i>	63
3.3.3	<i>Testes complementares aos experimentos anteriores, anteriores</i>	64
3.3.3.1	<i>Teste complementar A</i>	64
3.3.3.2	<i>Teste complementar B</i>	65
3.3.3.3	<i>Teste complementar C</i>	66
3.3.3.4	<i>Teste complementar D</i>	66
4	ANÁLISE DE DADOS	68
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
	REFERÊNCIAS	80
	ANEXO A - TESTES EXPERIMENTAIS	85

APÊNDICE A – TESTE COMPLEMENTAR A	90
APÊNDICE B – TESTE COMPLEMENTAR B	92
APÊNDICE C – TESTE COMPLEMENTAR C	96
APÊNDICE D – TESTE COMPLEMENTAR D – CARTA ENIGMÁTICA	99

1 INTRODUÇÃO

Esta tese de doutoramento, intitulada *Mínimo Paremiológico Brasileiro: fundamentos teórico-metodológicos busca estabelecer as bases teórico-metodológicas para identificação dos principais provérbios de conhecimento de brasileiros*, com intuito de atestar parte da competência proverbial de um falante brasileiro, por meio de uma pesquisa experimental que se insere na área da Linguística Aplicada. É uma área de estudo que se insere no amplo contexto das unidades fraseológicas da língua portuguesa brasileira.

O Brasil é um país com uma constituição político-social de grande diversidade linguística a qual enriquece sua cultura enquanto Nação. É notório que uma comunidade linguística, em atos comunicativos, recorre, quando necessário, a frases feitas, locuções, ditos, sentenças etc., muitas vezes caracterizado como “expressões populares”, vinculadas, quase sempre, às experiências de uma ou mais gerações; funcionando, na linguagem corrente, como instrumentos de conduta, aptos para serem aplicados no cotidiano, como uma espécie de fórmulas coletivas tradicionais que espelham, de certa forma, a mentalidade de um povo, espalhando-se por várias gerações.

Os estudos sobre a fraseologia brasileira sinalizam com mais pertinências, no início do século XX, com a compilação de adágio, ditos e provérbios populares, sendo, João Ribeiro, o pioneiro a partir de seu trabalho “*Frases feitas: estudos conjectural de locuções, ditados e provérbios*” em 1908, porém estes estudos, ainda não se configuram sistematicamente, visto que não seguiam uma metodologia rigorosa de coleta de dados e análise. Neste contexto, surgem os trabalhos do pesquisador e folclorista Luís da Câmara Cascudo e do linguista e dialetólogo Antenor nascente, dentre outros.

A Fraseologia tem se constituído no estudo científico de tais expressões e, a área de pesquisa que busca reconhecer e investigar o amplo número de expressões que são portadoras das vivências de várias gerações é a Fraseologia e, no âmbito da Fraseologia, situamos a Paremiologia, com o estudo dos provérbios e dos enunciados sentenciosos, cuja intenção é transmitir algum conhecimento tradicional, tendo como referência a experiência humana, representando, de certa forma, um patrimônio cultural rico de uma língua.

Conhecer historicamente tais expressões é uma forma de entrar em contato com a história do pensamento social da humanidade ao longo dos séculos, marcados, principalmente, pelos provérbios. Cientificamente eles são definidos como enunciados sentenciosos, de autoria desconhecida, de conhecimento coletivo, de cunho moral ou didático. É importante ressaltar que o estudo da fraseologia de uma língua é uma forma de se reconhecer vários aspectos linguísticos que representam a história cultural da referida língua e de seus falantes.

A motivação para este estudo deve-se pela ausência de estudos na língua portuguesa brasileira, direcionado ao “Mínimo Paremiológico” desta língua, uma vez que as pesquisas realizadas, até então, eram tímidas, contemplando poucos trabalhos, limitados apenas no estudo dos provérbios, enquanto elementos linguísticos, valorizados como cultura popular que busca as raízes de uma identidade nacional, marcados pelas gerações.

Temos nosso acervo proverbial nacional, no qual se espelham a sabedoria popular, o nosso ambiente físico e psicológico, a nossa índole, nossos temores, crenças, valores, e costumes, que pode auxiliar na definição de nossa identidade nacional, que auxilia na constituição e na caracterização daquilo que podemos chamar de cultura do povo brasileiro.

Fundamentado nas experiências vivenciadas por uma comunidade linguística, o provérbio se constitui como uma unidade fraseológica de uso popular entre os falantes de uma comunidade linguística, que costumam buscar em sua memória expressões imediatas que ajudem a expressar, em frases curtas e repetidas, as mais diversas situações do cotidiano, no momento de comunicação.

Dito isto, entendemos que, ao darmos a devida importância aos provérbios que constituem a memória cultural coletiva da comunidade brasileira e, a partir daí estabelecermos as bases teóricas para a identificação dos provérbios mais conhecidos pelos falantes do português brasileiro, daremos mais um passo, rumo à internacionalização da língua portuguesa, objetivo geral do grupo de pesquisa Políticas Linguísticas para a Internacionalização da Língua Portuguesa (PLIP), que muitos pesquisadores e estudiosos desta área fazem parte.

Portanto, o trabalho aqui realizado, busca estabelecer, no conjunto de provérbios da língua portuguesa, o Mínimo Paremiológico, e, junto a esse estudo pretendemos constatar a hipótese de que existe, realmente, esse “Mínimo” Paremiológico brasileiro, a exemplo de estudos já realizados na língua russa, como

proposta do paremiólogo soviético Gregory L. Permiakov (1989), tendo sido feito, também, em outras línguas.

É um estudo que avaliará a presença de parêmiias, marcadas “no conjunto básico de frases fixas’ (MIEDER, 1995), usadas pelos brasileiros em seu ato comunicativo, de forma que esse estudo ateste a hipótese, dita anteriormente, sendo constatada a partir dos informantes selecionados para o estudo em questão, considerando os critérios: estudantes de faixa etária diversificada, níveis de escolaridades variados, diagnóstico feito de preferência em grande parte das regiões brasileiras, já que se trata do estabelecimento paremiológico do português do Brasil.

Esses critérios se justificam, tendo em vista que o nosso propósito maior seja quantificar e explicitar os provérbios ou sentenças proverbiais que o falante brasileiro tem conhecimento e domínio de uso, como recurso expressivo na produção ou na recepção de suas mensagens comunicativas, em interações praticadas na comunidade linguística a que pertence.

Vale ressaltar que o termo “parêmia é a denominação científica das sentenças proverbiais, incluindo as frases feitas, ditos populares e expressões afins, objeto de estudo da Paremiologia, ciência que estuda cientificamente os provérbios, ou como os brasileiros preferem chamar “ditados populares”.

A pesquisa que aqui realizamos consiste em evidenciar quantos e quais provérbios são conhecidos por todos os brasileiros, em diferentes regiões do país, que muitas vezes apresentam variações expressivas em seu tratamento. Ressaltamos, de antemão, que a construção de dados desta tese não se constituiu em cem por cento o envolvimento de todas as regiões brasileiras, dada às circunstâncias de informações que a pesquisa requer. Diante disto, é nossa pretensão retomarmos este corpus em outro momento da pesquisa, com um estudo mais preciso e apurado, em um futuro pós-doutorado, para que se constitua o real “Mínimo Paremiológico do Português Brasileiro”.

Por expressarem a cultura de um povo, os provérbios sempre despertaram enorme interesse em diferentes estudiosos, sob os mais variados aspectos, por traduzirem moralidade, senso de justiça, poder e dever, e nos fazem entrever diferentes concepções de vida, o que coloca os provérbios, expressões de origem milenar, como objeto de estudo universal¹.

¹ A predileção pelos provérbios, por exemplo, era notada pelos sacerdotes, quando pela boca dos supostos oráculos transmitiam seus ditames aos povos [...] Tão recomendáveis vieram a

Ao definirmos a temática desta tese, duas questões importantes nortearam nossa investigação:

- É possível estabelecer os provérbios mais conhecidos pelos brasileiros de forma que tais provérbios possam contribuir para a internacionalização da língua brasileira?
- Quais provérbios os brasileiros conhecem em seus atos comunicativos?
- Quais procedimentos teórico-metodológicos deverão ser realizados para a determinação deste Mínimo Paremiológico no português brasileiro, tomando por base o já estabelecido para outras línguas?

Embora a Paremiologia tenha tomado força como ciência no século XX, firmando-se, posteriormente, como disciplina, o termo *paremiológico*, que se refere ao substantivo parêmia, tem seu uso quase exclusivamente restrito a estudiosos interessados em investigações linguísticas de cunho científico. Sendo assim, parêmia, paremiológico e Paremiologia não são termos de grande circulação na língua vernácula de uso geral.

Nesta acepção, identificar e quantificar o acervo mínimo de provérbios conhecidos pelo brasileiro justifica-se, principalmente, pela escassez de estudos desenvolvidos no Brasil, que busquem a constituição do Mínimo Paremiológico brasileiro, ou seja, um conjunto mínimo de parêmias, conhecidas e usadas pelos falantes brasileiros que demonstre a competência comunicativa destes. O “mínimo” aqui esperado diz respeito a quantas e quais sentenças ou expressões proverbiais um falante nativo tem conhecimento, para ser considerado um usuário competente desta língua.

Portanto, o Mínimo Paremiológico do falante de língua materna brasileira atestará a hipótese de que é possível estabelecer os principais provérbios de conhecimento dos brasileiros, necessários para demonstrarem a competência proverbial dos falantes em língua materna brasileira. Além disso, o estabelecimento desse mínimo paremiológico contribuirá, sobremaneira, para que o ensino e aprendizagem em língua portuguesa, como língua adicional, favoreça o entendimento de todos aqueles para os quais essa língua não seja língua materna, o

ser “estas máximas da vida prática” entre os povos da antiguidade, que alguns as escreviam em monumentos públicos das cidades e nos povoados rurais, chegando, os habitantes da Ática a escreverem muitas deles, nas paredes de suas moradas, de forma que se poderia ler um curso completo de moral. (BIBLIOTECA DO POVO, 1902, p. 12).

que concerne a um número considerável de pessoas, tendo em vista o franco desenvolvimento do processo de internacionalização por que passa o português do Brasil, notadamente no século XXI, em tempos de globalização.

Uma vez já constituído, o mínimo paremiológico do português brasileiro, com os provérbios mais conhecidos e utilizados em suas interações comunicativas, este será um material linguístico real e de referência, específico dos falantes brasileiros, que, além de servir como guia didático para o ensino de língua materna, será colocado à disposição de professores de língua estrangeira, bem como de tradutores e intérpretes, como valiosa ferramenta de trabalho, tanto para o falante nativo, quanto para o estudante de língua adicional, pois adquirirão conhecimentos dessa língua, de forma interativa, já que aprender uma língua é aprender a comunicar-se com ela em situação real.

Para o falante não nativo, esta pesquisa deverá ser uma possibilidade ímpar de compreender dois mundos e duas culturas, quais sejam, o de sua língua materna e o de segunda língua ou língua adicional.

Com relação ao ensino de língua materna ou adicional, os provérbios já constituem por si só uma unidade completa de significados, podendo ser contextualizados em diferentes situações de aprendizagem vividas pelos aprendizes. O grande repertório construído para o acervo paremiológico do português brasileiro poderá, também, ser um dos caminhos para que as unidades de ensino sejam articuladas ao currículo das disciplinas de forma que o aprendiz desenvolva a competência de reconhecer, compreender e utilizar provérbios em suas interações linguísticas.

A competência de reconhecer um provérbio em atos comunicativos é o que Taylor (apud VELLASCO 1996, p. 140) chama de “proverbialidade”, condicionando o falante às competências receptiva e produtiva para as habilidades de entender e usar os provérbios. Velasco assegura que tais habilidades vêm de transações conversacionais, que possibilitam o reconhecimento pelo falante de como os provérbios podem ser empregados.

A competência proverbial permite que o falante atue em cada ato de comunicação, conforme o contexto da situação a partir de um dos domínios ou áreas de interesse nos quais se organiza a vida social, incluindo-se a isto o cotidiano, as condições de vida, as relações interpessoais, os valores, as crenças e as atitudes.

A organização do estudo realizado na presente tese está constituída por uma introdução geral e mais três capítulos. Na introdução apresentamos o que originou nosso objeto de pesquisa, a justificativa da escolha do tema a ser investigado, sob a perspectiva da Linguística, com área de estudo no contexto das unidades fraseológicas, abordando a Paremiologia como ciência que trata dos provérbios, sendo este o objeto deste estudo, assim como foram abordados os objetivos da pesquisa com foco nos fundamentos teórico-metodológicos do mínimo paremiológico do português brasileiro.

No primeiro capítulo apresentaremos uma revisão da literatura, subdividida em estudos que tratam do histórico da Fraseologia, dando enfoque ao tratamento comum entre os linguistas sobre a fraseologia, seguida de breves considerações sobre as parêmsias no repertório das unidades fraseológicas. Pontua-se, ainda, neste capítulo, a compreensão dos estudiosos sobre o provérbio a partir de sua definição; seguindo este estudo com uma breve abordagem sobre a universalização do provérbio no contexto dos estudos científicos e, ainda, o espaço percorrido pela Paremiologia brasileira e o lugar dos provérbios no ensino de línguas no Brasil.

No segundo capítulo apresentaremos a metodologia aplicada na pesquisa, no qual retomamos nossos objetivos com questões da pesquisa, instrumentos e procedimentos para a construção dos dados, descrição dos sujeitos e critérios de análise.

No terceiro capítulo será abordada a análise da construção dos dados.

Nas Considerações Finais, com base nos resultados da pesquisa, serão retomados os objetivos e os questionamentos que nortearam o trabalho, e, em seguida, as recomendações tecidas para estudos futuros. Seguem-se finalmente, as referências e os anexos que também compõem a tese.

2 HISTÓRICO DA FRASEOLOGIA

Etimologicamente fraseologia se constitui de frase + -o- + logia, provavelmente do francês *phraséologie* - recolha ou conjunto de palavras feitas para o estudo de uma língua. No dicionário de termos literários, a fraseologia situa-se no campo dos estudos do léxico, sendo considerada uma disciplina da lexicologia.

As investigações sobre a fraseologia remontam ao início do século XIX, sendo o linguista francês, de origem suíça, Charles Bally quem tratou pela primeira vez a necessidade do estudo científico das combinações fixas de palavras, por isso é considerado o pai da fraseologia, por lançar os fundamentos iniciais sobre as locuções fraseológicas (*locutions phraseologiques*) de uma língua.

A partir dos estudos de Bally, Gabriele Knappe (2004) fez um panorama histórico desse estudo, e declara que a “Fraseologia é uma abordagem acadêmica da língua, desenvolvida no século XX”. Segundo ela, os estudos de Bally deram seus primeiros passos para uma visão mais geral sobre a noção de locuções fraseológicas, cujos estudos entraram na lexicologia e lexicografia russa nas décadas de 1920 e 1940, tendo despertado interesse neste estudo em outros países.

A partir daí surgiu, de certa forma, no início do século XX, o interesse de linguistas de diversos países pela fraseologia, passando a ser vista como área específica da linguística. E, no final da década de 60, surgiram grupos de interesse neste campo, como a fraseologia soviética, a fraseologia inglesa e a fraseologia alemã.

Os estudos fraseológicos receberam contribuições valiosas de professores e pesquisadores da França, da Espanha, a exemplo de Vicent Salvador, professor da Universidade Jaime I, Valência (Espanha) no artigo *Fraseología y educación discursiva*, que destacou a importância da fraseologia para a educação a partir da interpretação e produção dos discursos. Propondo, ainda, sugestões para o desenvolvimento de algumas linhas de pesquisa sobre a prática discursiva, com vistas em aproveitar os componentes fraseológicos que a linguagem e o discurso possuem.

Muitos estudos linguísticos usam diversos enfoques no sentido de definirem características fraseológicas de uma língua. O ponto em comum entre eles é que as unidades fraseológicas demarcam aspectos sintáticos, semânticos pragmáticos,

enfim, são variadas as situações ou contextos específicos dessas unidades fraseológicas.

De acordo com Glaeser (2004), uma unidade fraseológica é um grupo de palavras lexicalizado, reproduzível, billexêmico (composto por duas palavras) ou polillexêmico (integrado por vários termos) em uso comum, que possui uma relativa estabilidade sintática e semântica, tem características idiomáticas, contém conotações, e possui uma função enfática ou intensa no texto.

Na concepção de Ortiz Alvarez (1997, p. 194), as unidades fraseológicas “[...] são combinações de elementos linguísticos de uma dada língua, relacionados semântica e sintaticamente, que não pertencem a uma categoria gramatical específica e cujo significado é dado pelo conjunto de seus elementos.” Em outras palavras, na visão da estudiosa existe uma reação, de ordem semântica e sintática, entre os elementos constituintes das unidades fraseológicas, considerando também que os significados não são dados pelos constituintes separadamente, não pertencem a uma categoria gramatical específica, pois podem desempenhar funções gramaticais diferentes.

Em atenção mais específica, buscamos os estudos fraseológicos da língua portuguesa. Neste sentido, contamos com a preocupação de vários estudiosos, no sentido de entender sua terminologia, sua origem, e sobre isso, Monteiro (2012, p. 121), estudiosa desse fenômeno linguístico, afirma: “as unidades fraseológicas constituem um espaço privilegiado para a reflexão sobre o processamento da linguagem verbal, além de serem portadoras da cultura e também veículos propícios à desautomatização dos mais diferentes usos linguísticos”.

Nesta linha de pesquisa, aqui no Brasil, encontramos trabalhos valiosos como o de Ortiz (2000), intitulado *Expressões idiomáticas do português do Brasil e espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino de Português como segunda língua estrangeira*; Xatara (1997 - 1998), respectivamente, com as obras *A comparação nas expressões idiomáticas* e *A tipologia das expressões idiomáticas*. Roncolato (2001), Succi (2006) e Tagnin (1989), todos têm contribuído exaustivamente nos últimos anos para a elaboração de um construto teórico consistente no que diz respeito a essas expressões.

Nas Universidades brasileiras, as investigações aos estudos fraseológicos contam com pesquisadores vinculados a projetos de pesquisa relacionados ao tema, ou ainda, desenvolvem orientações de trabalhos acadêmicos, quais sejam teses,

dissertações, artigos científicos, projetos do PIBIC e outros relacionados ao tema, ou ainda, desenvolvem orientações de trabalhos acadêmicos quais sejam: teses, dissertações, artigos científicos, projetos do PIBIC e outros.

2.1 As parêmiias no repertório das unidades fraseológicas

É oportuno destacar que é na fraseologia que as parêmiias, corpus de nossa tese, encontram uma atenção especial dos estudiosos, devido às várias designações que o termo abarca, despertando nos fraseólogos e paremiólogos discussões acerca de sua definição e delimitação da área de estudo, sem, portanto, chegar a um consenso real sobre as denominações equivalentes desse fraseologismo.

Em português, há inúmeras designações englobadas no termo parêmia: provérbio, adágio anexim ditado, dito popular, aforismo etc. De maneira que o conceito geral de Parêmia está inserido na Paremiologia, sendo provérbio a noção universal e bastante imprecisa no contexto brasileiro, uma vez que há uma variedade de termos que o definem, assim como em tantas outras línguas.

Na fraseologia popular, o termo científico que se firmou entre os paremiólogos é provérbio e quanto ao conceito de “mínimo paremiológico” foi criado e introduzido no mundo científico pelo paremiólogo folclorista russo Permiakov que, usando técnicas puramente estatísticas, teve como resultado de sua experiência uma lista de 300 provérbios de uso comum entre os russos nativos.

Cabe dizer que o provérbio, em seu conjunto paremiológico, tema de nossa tese, apresenta ao campo linguístico, uma língua interesses significativos para se investigar, por representarem fonte de manifestações da história da humanidade, e, ainda, por traduzirem sentimentos ou práticas de moralidade popular (a exemplo “não faça aos outros aquilo que não queres que te façam”); o sentimento ou prática de justiça e do dever, como em (“nunca diga: desta água não beberei”; “nada como um dia depois do outro”), assim como a concepção da vida manifestada no seu cotidiano, como em (pau que nasce torto não tem jeito, morre torto; pratique o bem sem olhar a quem) e muitos outros.

As possíveis significações que o tema provérbio tem nos dicionários e se estendem entre os estudiosos de maneira indefinida. O que se observa é que entre autores há um consenso sobre o que seja o provérbio: são dizeres coletivos, ditos

populares tradicionais, que oferecem sabedoria e conselhos, de maneira universal, e que as palavras oral, popular e tradicional, uma delas estão presentes nas definições dadas.

Parêmia, na concepção de Chacoto (2009, p. 161) é um arquilexema, por ser a expressão que abarca os diferentes tipos de enunciados, tendo na Paremiologia o apoio científico para o estudo de todas as designações que o termo apresenta.

A definição e delimitação das parêmias têm sido objeto de estudo de inúmeros pesquisadores, podemos citar alguns: Sevilla, Chacotto, Diaz Ferrero, Funk, Anscombe, Mieder, Mejri, Tamba, Zouogbo, Kleiber e Conenna e outros. As parêmias foram fixadas na fala e fazem parte da herança sociocultural de uma comunidade falante. Os vários tipos de parêmia podem ser agrupados em dois grandes grupos: os de uso popular (geralmente anônimos) e os de uso aprendido (de origem conhecida).

Sobre os estudos das parêmias, encontramos Júlia Sevilla Muñoz, professora da Universidade Complutense de Madrid, intitulados Proposta de sistematización Paremiografía (1991), Las paremias españolas: clasificación, definición y correspondência francesa (1993), El refranero hoy (1997) que, ao observar a importância da língua espanhola no mundo, entendeu a necessidade de elaborar um projeto que facilitasse a difusão e o ensino da língua espanhola.

A estudiosa entendeu que a presença do espanhol, tanto na linguagem literária, quanto na linguagem não literária, exigia a compreensão de parêmias ou enunciados sentenciosos, principalmente os refrãos e as frases proverbiais. Todos são trabalhos publicados na Revista Parêmia², de criação desta estudiosa.

Em 1966, a referida professora teve a ideia de realizar uma coleção multilíngue de parêmias populares de grande utilidade não só para alunos e professores de espanhol (em especial, língua estrangeira) como também para os intérpretes e tradutores, em geral para os amantes da sabedoria popular.

Considerando a importância de designar os tipos de parêmia, já que as divergências começam a partir de suas definições, a estudiosa classificou-as em nove tipos: as parêmias propriamente ditas, as jocosas e irônicas; as científicas; as

² Parêmia é a primeira revista espanhola e a segunda do mundo, de caráter científico e internacional, especializada na conservação e estudo das parêmias, dos enunciados breves e sentenciosos, como refrãos, provérbios e aforismos.

cavalheirescas, as publicitárias ou propagandistas; as em desusos, arcaicas ou dialetais e de uso restritos; as quase parêmias; as com alguns traços paremiológicos; as não pertencentes ao universo paremiológico, mas que podem participar de alguns traços paremiológicos, definidas a seguir:

- As parêmias propriamente ditas: são aquelas relacionadas com os costumes próprios do homem, realizando conselhos e soluções nas situações de comportamento do ser humano, criticando os defeitos e oferecendo modelos de condutas, a exemplo de juventude ociosa, velhice doente.

- Parêmias jocosas ou irônicas retratam que, embora se tenha alguns provérbios que trazem em sua natureza uma carga de jocosidade, existem outras parêmias de sentido divertido, irônico, característica do dialogismo em que o falante atua como se estivesse no discurso do outro, personificando-se a animais ou outras coisas, e o wallerismo que geralmente é construído tomando como base uma frase impessoal ou um comentário dirigido a um sujeito impessoal.

- Parêmias científicas: são aquelas de origem culta, empregadas em um determinado campo do saber, inclui-se neste ramo o aforismo empregado na medicina e na Jurisprudência. Assim tem-se: Um mau acordo é melhor do que um bom processo.

- Parêmias cavalheirescas ou heroicas: a princípio este tipo de parêmia tinha o objetivo de animar os cavaleiros medievais e continham ideais a serem seguidos, assim como o exemplo: Pelo meu rei e pela minha fé, ou morrerei ou vencerei (Buerdo nas Astúrias).

- Parêmias publicitárias e propagandísticas: Atualmente esse tipo de parêmia é caracterizado como o grito de guerra que deixou o seu campo de batalha para servir ao mundo comercial, com o objetivo de atrair clientes, ou vender determinados produtos. Cita-se: O homem e o urso, quanto mais feio, mais bonito (anúncio de um creme de barbear).

- Parêmia em desuso ou arcaica: essas parêmias possuem usos raros e estão presas a determinadas áreas ou temas.

- Quase parêmias: geralmente são fórmulas que não aparecem sozinhas em enunciados, mas faz sentido num conjunto, ou seja, “são unidas a outras estruturas para que as informações a serem transmitidas se completem, é o caso da sentença como: Deus me livre! Raios que o partam!” (SEVILLA MUÑOZ, 1993, p. 15-20).

2.2 Para que precisamos de um mínimo paremiológico?

O principal objetivo de se investigar o Mínimo Paremiológico do Português brasileiro está no ensino da língua a estrangeiros, posto que o importante não é a mera compreensão e interpretação correta na língua falada e escrita, mas também a capacidade de identificar as unidades paremiológicas mais frequentes quando elas aparecem em linguagem falada ou escrita, tanto em sua forma original quanto às “modificações de sua estrutura lexical ou sintática inicial” (TARNOVSKA, 2002, p. 71).

Sabe-se que todo e qualquer fenômeno linguístico para se firmar como objeto de estudo científico, são estabelecidas algumas características que venham defini-lo como tal. Neste sentido, os paremiólogos defendem a autonomia da Paremiologia, apesar de reconhecerem o fato de que às vezes é difícil estabelecer uma fronteira clara entre as terminologias fraseológicas e as parêmiias.

Desde o início de sua existência, a Paremiologia tem se preocupado com o problema da definição das unidades que definem os domínios científicos desta ciência, uma vez que ainda não temos critérios sólidos para diferenciar tais unidades. Portanto, para quem quer explorar o campo paremiológico de uma língua, um dos maiores desafios é definir as variedades terminológicas que esse termo oferece.

Buscar o mínimo paremiológico da língua portuguesa brasileira se justifica por alguns motivos, quais sejam: é uma forma de conhecer o uso de expressões proverbiais no cotidiano dos falantes para qual o estudo está sendo realizado; quantificar o acervo proverbial da língua em comparação a outras línguas; contribuir com um material pedagógico no ensino aprendizagem tanto de língua materna quanto de língua estrangeira; auxiliar o tradutor em tarefas de tradução, uma vez que serão catalogados os mais conhecidos pelos falantes brasileiros, em suas interações comunicativas, enfim, são objetivos que serão realizados para validar a importância desta pesquisa.

Quanto à formulação do conceito “Mínimo Paremiológico” está associada ao trabalho do linguista Gregory Permiakov (1919- 1989), linguista e folclorista russo que ao final do século XX, fez uma pesquisa no campo da competência paremiológica de um falante da língua russa, tornando-se, portanto, o pioneiro no campo da Paremiologia experimental.

A sua investigação culminou com a publicação de um livro cujo título é Folk-Tale, editado em 1979 e traduzido ao inglês na revista Proverbium, em 1989. Esta obra tem um valor inestimável nos estudos linguísticos internacionais, por ser referência aos métodos de construção de dados e base para a constituição de um o “mínimo paremiológico” de qualquer língua.

As pesquisas sobre o mínimo paremiológico tem se expandido muito nas últimas décadas, sendo o campo de investigação científica entre fraseólogos e paremiólogos de alguns países, que buscam constatar quantas e quais parêmiias são de conhecimento de um falante da língua em estudo, para apropriar-se destas unidades fraseológicas a qualquer momento de sua interação comunicativa. Vejamos o que dizem e ou definem alguns paremiólogos que já pesquisaram sobre o mínimo paremiológico em sua língua materna:

- Permyakov (1970): define como o conjunto de expressões fixas, provérbios e frases proverbiais, que são indispensáveis para o bom conhecimento da língua russa.

- Mieder (1995): O mínimo paremiológico de uma língua pode ser definido como o conjunto mínimo de parêmiias conhecidas e usadas pelos falantes dessa língua.

- Tarnovska (2005): seria indagar o conjunto de parêmiias que é de conhecimento imprescindível para o bom conhecimento da língua espanhola. Destacamos que os refranes são o principal gênero paremiológico espanhol.

- Vyshnya (2008): conjunto de parêmia (provérbio) que são necessários para demonstrar a competência cultural e linguística, de forma ativa e passiva do falante nativo da Ucrânia.

Portanto, o conceito de mínimo paremiológico é definido de maneira consensual por esses estudiosos, como sendo o conjunto de parêmiias (unidades fraseológicas) que o falante de uma determinada língua tem conhecimento e usa em suas interações comunicativas.

2.3 Provérbios: da compreensão à definição

As ocorrências linguísticas, com designações bem específicas na fala dos brasileiros, como ditos populares e/ou provérbios, tem propriedade científica na Paremiologia, já que esta abarca todas as variantes fraseológicas. Desta forma, utilizaremos exclusivamente neste subitem o termo provérbio.

Observamos que a maioria dos estudiosos da Paremiologia relata a existência milenar dos provérbios, que eles têm vida longa, portanto, não podemos definir sua idade, dada à sua inerente sabedoria testada por inúmeras gerações.

Definir provérbio, na visão de vários estudiosos e pesquisadores, é uma tarefa um tanto difícil, por ele estar envolvido em um território escorregadio, por apresentar aspectos comuns quanto à forma e conteúdo nas várias denominações atribuídas a esse termo. Apresentamos, a seguir, algumas definições de estudiosos sobre provérbios, uma vez que, por unanimidade, resumem-se à compreensão de serem eles transmissores de conhecimentos universais, herdados da experiência de nossos ancestrais.

Paulo Rónai em prefácio do livro *Adagiário Brasileiro*, de Leonardo Mota (1982) declara que “embora todos entendam a palavra provérbio, sua definição deve ter feito suar os lexicógrafos”, devido suas várias denominações, sua cadeia de sinônimo, que, por vezes apresenta marcas semânticas bem particulares.

Em seu artigo *Revistando o conceito de Provérbio*, Xatara (2008), professora da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de São José do Rio Preto, sugere rever nas investigações paremiológicas algumas das principais considerações teóricas acerca do provérbio, propondo uma reanálise de suas características, fazendo algumas analogias com outros fraseologismos, no intuito de chegar a uma definição mais adequada e abrangente dessa lexia complexa. A importância do trabalho dessa estudiosa é referenciar outros trabalhos neste campo, assim como dar parâmetros aos estudos paremiológicos da língua portuguesa.

Steinberger (1985) afirma que o provérbio propriamente dito se distingue dos outros “dizeres” fraseológicos, (destaque da autora), nos aspectos estrutural e semântico. Para ela, o aspecto estrutural do provérbio se caracteriza pelos mesmos mecanismos utilizados na linguagem poética, quais sejam: a rima, a assonância, a aliteração, o equilíbrio, a concisão, o paralelismo (fonético, morfológico, sintático), a elipse, a paronomásia, numa estrutura binária de sintagmas correlatos.

Quanto aos aspectos semânticos, a estudiosa afirma que o provérbio deve encerrar uma mensagem “admoestadora ou conselho” e deve ser empregado metaforicamente, exemplificando com: “Chorar pela lua” que é uma frase de cunho metafórico, mas não encerra conselho ou admoestação. E faz a afirmação seguinte: “No momento em que passarmos a dizer algo como ‘Não adianta chorar pela lua’ ou ‘Não chore pela lua’, teremos um provérbio”.

Barley (1970, p.?) comunga a mesma linha de pensamento de Steinberger quanto ao aspecto estrutural dos provérbios, da seguinte forma: “é uma declaração padrão de imperativos morais, coloquiais, pragmáticos, metafóricos, de forma fixa, cujo tratamento fundamental é a lógica das relações”.

Amaral (1961), citado também por Steinberger (ano), destaca que o provérbio quando não é puro verso é parente próximo deste, pelo ritmo e muitas vezes pela rima. Ressalta ainda que qualquer linha divisória entre provérbio e outras formas de dizeres tradicionais do povo são aproximações, uma vez que o próprio termo Paremiologia é contraditório, a partir da origem da palavra que vem do grego ‘*paroimia*’, significando ‘restrito’, o que contradiz nos estudos da Paremiologia, uma vez que engloba justamente todas as variantes.

O posicionamento de Mota (1974) ao chamar a atenção para o conteúdo e a forma dos fraseologismos, colocando os provérbios, os adágios, os refrãos ou ditados como eminentemente populares, em oposição ao cunho erudito das chamadas máximas, sentenças ou brocardos, ressaltando que cada uma dessas palavras conserva sentido próprio. Sobre isso, mereceu nossa atenção esta definição do pesquisador:

Percebe-se, logo à primeira vista, que a cadeia dita sinonímica é, antes de tudo, analógica, pois cada um destes termos apresenta matizes semânticos que os tornam inconfundíveis e válidos por si mesmos. Os teóricos insistem em estabelecer distinções sutilíssimas, por exemplo: entre o provérbio ou adágio e a máxima ou sentença. (MOTA, 1974, p. 43).

O autor faz referência, ainda, a Victor Russomano, ao declarar que este estudioso elucidou muitos problemas relacionados à conceituação que envolve os provérbios, comprovados na citação seguinte:

[...] o adágio ou provérbio, de modo geral, é a sentença mais ou menos estruturada em forma verbal correta, segundo os tons da linguagem popular, implicando no máximo de generalização envolvendo uma definição

em figura sintética que prescinde de maiores especificados. (MOTA, 1974: p. 42).

Neste sentido, Mota (1974) referencia, também, Afrânio Peixoto, afirmando que este faz uma definição mais curta, comparando o provérbio com a trova³ (destaque nosso), baseando sua definição aos valores quantitativo e qualitativo, comparação feita da seguinte forma: a essência da trova popular, como do refrão ou provérbio, é ser pela sua simplicidade, universal e eterna.

A definição de provérbio para Taylor (1930)⁴, nome de referência na área dos estudos paremiológicos, provérbio “é um ditado corrente, comum entre as pessoas”, funcionando como enunciado completo num ato de comunicação, referindo-se ao uso do mesmo na fala cotidiana das pessoas, no passado e atualmente.

Maingueneau, analista do discurso, também ressalta como as pesquisas linguísticas têm dado um privilégio crescente ao estudo dos provérbios. Para ele, os provérbios são um objeto de estudo interessante por ocuparem uma posição singular em matéria de expressão cristalizada. Faz, ainda, a seguinte declaração: “*são as únicas sequências cristalizadas que fazem parte da língua, que revelam da competência linguística, como atestam os numerosos dicionários de língua que contêm listas de provérbio*” (MAINGUENEAU, 2011, p. 41).

A partir do posicionamento de Maingueneau, buscamos em alguns dicionários as definições do termo “provérbio” para verificar se existem definições semelhantes e denominações diversas ou sinônimas, estando registrado da seguinte forma:

- Em O Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, (2001, p. 2994), da Academia das Ciências de Lisboa, provérbio é: máxima ou sentença de caráter prático e popular, expressa em poucas palavras e geralmente rica em imagens e sentidos figurados. Sentença moral, máxima, refrão;

³ Inicialmente, uma trova era qualquer poema ou canção, depois, passou-se a chamar trova à forma fixa que hoje é empregada, ou seja, o poema autônomo de quatro versos em redondilha maior. O caráter popular, autônomo e de forma fixa, é exatamente, o que define e caracteriza o provérbio.”

⁴ Ressalte-se, também, que Taylor tem escrito mais de 70 artigos e livros sobre o assunto “provérbio”, dentre eles mencionamos: “Uma introdução bibliográfica para o estudo dos provérbios”, em 1932 e “Problemas no estudo de provérbios”, em 1934, obra na qual Taylor afirma a legitimidade da Paremiologia como ciência e indica os problemas usuais destas parêmias.

- Em O Grande Dicionário da Língua Portuguesa, (1981, p. 495), de José Pedro Machado, provérbio: é máxima expressa em poucas palavras e que se tornou popular. Sentença moral, adágio, ditado, anexim, rifão;

- Em O Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa, (1994, p. 393), de Antônio Silva Morais, provérbio: é máxima expressa em poucas palavras e que se tornou popular. Sentença moral, adágio, ditado, anexim, rifão.

As definições registradas nos três dicionários acima representam o pensamento desses dicionaristas sobre o termo provérbio, e todas as definições convergem para o mesmo conceito: uma máxima ou sentença de caráter prático e popular, expressa em poucas palavras, que se tornou popular, geralmente rico em imagens e sentidos figurados.

Portanto, O Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea (2001) abarcou com mais precisão a definição de provérbio. Quanto às outras denominações sinônimas: adágio, ditado, anexim, rifão, e outras mais, todas encerram a mesma mensagem, daí dizer que são termos sinônimos.

No trecho a seguir, o linguista russo Permyakov (1997) define a natureza múltipla do provérbio vistas, na semelhança de outros fraseologismos, abordados com primazia quando afirma:

Apesar de toda sua simplicidade, os provérbios são formas complicadas por apresentarem semelhanças linguísticas a outros clichês fraseológicos, por uma parte e por outra são unidades lógicas (opiniões ou declarações) e por fim, são unidades que expressam a realidade de forma particular e autônoma, portanto, requerem diferentes abordagens. (PERMYAKOV, 1997, p. 26) (tradução nossa).

Para Mieder (1994, p. 12), os provérbios constituem peça importante do patrimônio cultural de um povo, assim como os mitos, as lendas, as histórias fantásticas, e os contos populares fazem parte do repertório cultural, folclórico e histórico de uma comunidade. Um novo conceito é desenvolvido após recolher 55 definições entre o público falante da língua inglesa, reconhecendo a possibilidade de haver muito mais “definições” que os próprios provérbios, e assim esclarece:

Pode parecer que nada é mais fácil do que dar uma definição precisa do provérbio por escrito, e poderíamos até afirmar que há mais tentativas de definição do que os próprios provérbios. Obviamente, isso é um pouco exagerado, mas é verdade que tem havido inúmeras definições do provérbio desde Aristóteles até as descrições linguísticas mais recentes que

consideram o provérbio como uma forma diferente de outras manifestações verbais de sua mesma brevidade. (MIEDER, 1994, p. 12).

Com este esclarecimento Mieder lembra que são muitas as definições do provérbio, mas nenhuma esclarece a contento, o que diferenciaria, na verdade, o provérbio de qualquer outro enunciado.

Houaiss (2001) se refere ao provérbio como uma “frase curta, geralmente de origem popular, frequentemente com ritmo e rima, que sintetiza um conceito a respeito da realidade ou regra social ou moral”.

O filólogo e paremiólogo brasileiro João Ribeiro (1960) usava, indistintamente, os termos frases feitas para “dito”, “ditado”, “locução”, “sentença”, “provérbio”, “anexim”, “adágio”, “brocardo”, “rifão”, “prolóquio”, “aforismo”, “modismo” e “formulas”, entre outros, como já diz o próprio título de seu livro.

O conceito de provérbio de Xatara & Succi (2008, p. 35):

provérbio é uma unidade léxica fraseológica fixa e, consagrada por determinada comunidade linguística, que recolhe experiências vivenciadas em comum e as formula como um enunciado conotativo, sucinto e completo, empregado com a função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, repreender, persuadir ou até mesmo praguejar.

E afirma, ainda, as autoras que “o provérbio e sua paráfrase não são equivalentes”, segundo elas “o provérbio é uma frase impessoal que requer uma prévia decifração do interlocutor, para que possa tirar suas próprias conclusões” (XATARA; SUCCI, 2008, p. 35).

Mejri, (1997 *apud* MONTEIRO, 2012, p. 133) denomina o provérbio como “uma sequência linguística que se apresenta na forma de uma frase, metafórica, ou não, de origem anônima, com valor genérico e denominando uma situação geral relativa às condutas humanas, cujo valor se insere no universo de crenças.”.

Fulgêncio (2008, p. 193) define os provérbios como expressões fixas, caracterizados, segundo ela, como formas transparentes, ou seja:

são frases prontas, usadas muitas vezes com sentido não literal (mas nem sempre e não obrigatoriamente, como se vê em uma mentira puxa outra; uma coisa é dizer, outra é fazer; quem espera sempre alcança; quem avisa amigo é que são provérbios transparentes). Geralmente expressam uma afirmação categórica que muitas vezes encerra um conteúdo moral, como por exemplo: mais vale um pássaro na mão do que dois voando; o crime não compensa; o fim justifica os meios; é melhor prevenir do que remediar. Nem sempre os provérbios têm compromisso com os fatos relatados ou

expressam uma verdade, como se vê em feliz no jogo, infeliz no amor; mão fria, coração quente.

Para Velasco (1996, p. 146), o provérbio tem como característica principal o anonimato de sua autoria, esclarecido com a seguinte explicação:

[...] o provérbio é um enunciado anônimo. A característica precípua dos provérbios é o anonimato da sua autoria – excetuando-se os provérbios bíblicos. É lexicalizado, isto é, dicionarizado, parte do inventário da língua. É também sintaticamente autônomo – surge no discurso sob forma canônica, cristalizada, fixa que não muda, congelada, petrificada. [...]

O Mestre Aurélio (1999, p. 1.657), assim diz: provérbio é “máxima ou sentença de caráter prático e popular, comum a todo um grupo social, expressa em forma sucinta e geralmente rica em imagens”.

Apesar da dificuldade em definir o que seja provérbio, partindo primeiramente do fato de ser um gênero oral, entendemos que sua maior definição está na aplicabilidade externa que ele oferece para a humanidade, ou seja, eles são tomados como estratégias de ordem moral e didática, aplicados com certa autoridade, que facilmente são aplicados na nossa fala como demonstração de sabedoria e de valores marcados pela tradição.

Diante de todas essas definições sobre o entendimento de provérbio, resta-nos dizer que esse fraseologismo expressa de maneira pontual a sabedoria popular, que somente o tempo e as vivências acumuladas podem gerar, em expressões breves, um longo discurso semanticamente poderoso. Pode ser levado a qualquer parte do mundo, são propagados no tempo e no espaço, de forma oral ou escrita, de origem culta, vindos da literatura religiosa, a exemplo de “As más companhias corrompem os bons costumes”. (1 Coríntios 15:33) ou popular quando provem da sabedoria popular, como se observa nas sentenças “Seguro morreu de velho”, “As aparências enganam”.

Os provérbios têm interpretação imediata no contexto linguístico da sentença, ou seja, ele nasce como expressão linguística, advinda de um pensamento, de um conselho, de uma opinião que é compartilhada por vários membros de uma sociedade, que logo o acolhe e o repete, já que a função dele é de comunicar algo a alguém.

Apesar da dificuldade em definir o que seja provérbio, partindo primeiramente do fato de ser um gênero oral, entendemos que sua maior definição

está na aplicabilidade externa que ele oferece para a humanidade, ou seja, eles são tomados como estratégias de ordem moral e didática, com certa autoridade, que facilmente são aplicados na fala como demonstração de sabedoria e de valores marcados pela tradição.

As controvérsias que marcam a definição dos provérbios são percebidas, à primeira vista, pela cadeia de sinônimos que estes apresentam, e que muitos estudiosos dão preferência, muitas vezes, a uma forma sinônima que não seja provérbio para uso em seus estudos ou pesquisas.

Estabelecer uma definição aos provérbios que venha opor aos outros fraseologismos é uma missão de todos os paremiólogos, não só os mais recentes, mas também aqueles de décadas passadas.

Para ilustrar o que seja provérbio, buscamos ainda as definições de O Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (FERREIRA, 1995) para citarmos os termos denominadores do mesmo:

- Adágio: “rifão; sentença moral”.
- Aforismo: “sentença moral breve e conceituosa; máxima”.
- Anexim: “rifão popular; dito sentencioso”.
- Apotegma: “dito sentencioso de pessoa célebre; aforismo; provérbio”.
- Ditado: “aquilo que se dita ou ditou para ser escrito; a escrita feita por ditado; anexim, provérbio, adágio”.
- Dito: “palavra; expressão; sentença; frase; mexerico; o que se disse...”.
- Máxima: “axioma; sentença moral; conceito”.
- Provérbio: “máxima breve; anexim; rifão; desenvolvimento de rifão ou sentença moral, em peça dramática”.
- Refrão: “adágio; provérbio”.
- Rifão: “provérbio; adágio; anexim”.
- Sentença: “locução que contém um princípio ou pensamento moral”.

Essas unidades vistas sinônimas ocupam o lugar de um discurso repetido, face à questão da sinonímia, como bem define Coseriu (ano) quando diz: são discursos automatizados, apreendidos em contextos de uso. Os termos mais usados pelos brasileiros são ditados ou provérbios, respectivamente; quanto às denominações: máxima, sentença, adágio, anexim, rifão, são poucos conhecidos popularmente.

O provérbio, entendido e definido por nós, em particular, é o representante da voz de toda a humanidade, sendo um andarilho constante, sem passaporte e que recebe de todas as nações e gerações um ponto ou uma vírgula a mais na forma de expressar um ensinamento, uma experiência vivida, e nesse ir e vir entre as pessoas ele se reconstrói com um pedaço da voz da experiência sábia de falantes de cada parte deste universo. As vezes sem autoria, vindo de forma anônima, ele se torna uma verdadeira colcha de retalho, pois em todas as línguas os provérbios se repetem, na forma e na característica de cada povo e em cada língua. Ele atua como um discurso de sabedoria, repetido por toda a humanidade.

Há uma preocupação em pontuar a definição de provérbios, já que todas as definições se convergem com outros fraseologismos numa espécie de sinônimo. Dito isto, apreciamos o que diz o cônego Manuel Severim de Faria (1902, p. 6-7) sobre o fraseologismo adágio que, segundo ele, “é uma riqueza de nosso idioma”. Tal riqueza está nos sinônimos, o mesmo que Provérbio, Rifão, Exemplo, Sentença, Ditado e Anexim. E, além desses, acrescenta ainda mais quatro: Máxima, Parêmia, Apotegma e Aforismo, todos para ele são sinônimos.

Pontuando a definição de cada um desses termos, questionamos: haverá realmente entre eles uma perfeita sinonímia como afirma o estudioso? É uma afirmação questionável, uma vez que se constata que não há uma perfeita sinonímia, posto que na prática usual da linguagem, alguns desses vocábulos são empregados conforme a situação. Desta forma:

o adágio é efetivamente um conceito breve, que anda na tradição oral e que encerra um pensamento moral a que frequentemente se contrapõe outro pensamento em sentido inverso. [...] em regra o adágio é local. Quer dizer: exprime de preferência as ideias de uns dados país, de uma dada região, de uma dada província, de uma dada localidade, e simultaneamente os costumes dos seus habitantes. (BIBLIOTECA DO POVO, 1902, p. 7).

Entendemos que as unidades ditas sinônimas ocupam o lugar de um discurso repetido, expressão dita por Coseriu, face à questão de texto alheio. São discursos automatizados, apreendidos em contextos de uso. Corroborando com Coseriu, Andrade (2002, p. 123), diz que, de fato é uma cultura em conserva, porque é sempre repetido, com sabedoria, em todas as situações da vida”. Isso significa dizer que os provérbios estão gravados com facilidade na mente do falante e são repetidos com força nova em cada circunstância da vida em comunidade. Isto

caracteriza muito bem o provérbio, pois cada cultura tem seu sistema conceitual, utilizando diferentes elementos para ilustrar uma mesma situação.

Ainda sobre o caráter repetitivo do provérbio, e, conforme já mencionamos anteriormente, toda língua tem em seu acervo cultural provérbios que “são as únicas sequências cristalizadas que fazem parte da língua, que revelam a competência linguística, como atestam os numerosos dicionários de língua que contêm listas de provérbio” (MAINGUENEAU, 2011, p. 41).

Sobre essas denominações, buscamos investigar como são definidos esses fraseologismos, portanto, há um quadro parecido em outras línguas. Em geral, tais unidades fraseológicas são conhecidas nos dicionários das respectivas línguas, da seguinte forma:

- Catalão com o nome de *proverbi ou refran, locuçon, dictados*, frases feitas;
- Galego com o nome de provérbio ou refrão, *locución*, dito, frase feita etc.;
- Espanhol, como *refrán*, (o mais popular), *dicho*, modismo;
- Inglês, *adage, apothegm, aphorism, maxim, proverb, saying*;
- Francês, *adage, dicton, máxime, proverbe*;
- Alemão, *Grundsatz, Lebensregel, Lebsatz, Lebensweisheit, Maxime, Sprichwort, Spruch*.

2.4 A universalização dos provérbios

Conforme a área de conhecimento, o tema provérbio varia de acordo com o interesse de estudo do pesquisador. Há uma interdisciplinaridade no estudo do provérbio com a Linguística, a Literatura e o Folclore. Na linguística, o interesse pelo tema prevalece quanto à forma de uso dos provérbios pelos falantes e as possibilidades semânticas que eles apresentam. Na Literatura, o que predominam nas pesquisas são as questões estéticas e de estilo dos provérbios. Não foram poucos escritores, filósofos, poetas renomados eruditos que buscaram essa manifestação do pensamento popular, fazendo uso em suas obras com a inserção de provérbios ou expressões em seus textos. Enquanto no Folclore, o interesse incide sobre a relação que se estabelece entre provérbio, cultura e comunidade de falantes.

Nos primórdios da civilização humana, os provérbios já representavam ensinamentos e explicitavam verdades para a vida social de diversos povos na antiguidade, isso é fato, é relato de todos os estudiosos interessados em desvendar a riqueza dos provérbios.

Nas palavras de Xatara (2002, p. 13), é no século XII que aparece pela primeira vez o provérbio em textos, e o mais antigo estudo data de 1579, assinado por Henri Estienne, embora a mais antiga coleção de provérbios seja a do inglês John Heywood, de 1562.

Quando se diz que os provérbios são anônimos, supõe-se que o anonimato deveria ser porque não puderam ser arquivados, já que pertenciam a uma tradição oral, ou ainda porque os registros dos mesmos se perderam através do tempo. Daí, entendermos que a existência dos provérbios tem origem muito mais distante do que se imagina.

O caráter anônimo do provérbio também é explicado por Steinberger (1985, p. 86) no sentido de que:

o anonimato dificulta o reconhecimento exato da origem do provérbio, sendo essa dificuldade ainda maior em países de imigração. Alguns provérbios podem ter tido origem em outros países e, com a miscigenação de raças, ter-se enraizado e naturalizado na outra língua, tornando o reconhecimento de sua origem quase impossível.

Na Roma antiga, os autores Catão, Sêneca, Cícero, Publílio, Siro e outros já usavam, corretamente, sentenças de sua autoria com finalidade instrutiva, assim como os gregos, também contribuíram na difusão dos provérbios pelo mundo, assim comprovados pelas inúmeras frases e expressões proverbiais clássicas que chegaram até nossa atualidade.

Xavier da Cunha, na obra *Filosofia popular em provérbios* (1902, p. 5) menciona o largo emprego dos provérbios, e cita o imperador romano Júlio César tendo uma dedicação particular ao formar uma coleção de provérbios sob o título de *Apophthegmas* e sobre tais provérbios dizia que eram “mananciais riquíssimos de utilidade e bom conselho para a vida prática”.

Segundo Xavier da Cunha, Salomão chamava os provérbios de “vozes da sabedoria” por ser um meio para adquirir virtude e entender o sentido misterioso dos mesmos. Sendo considerado o mais antigo entre os colecionadores de provérbios, Salomão nos deixou três livros configurados, entre as páginas do Velho Testamento,

chamados de Livros dos Provérbios, o Eclesiastes e o livro da Sabedoria. A complementação desses três livros se encontra na Bíblia com o chamado Eclesiástico, livro atribuído a Jesus (filho de Sirach), judeu de Jerusalém que floresceu por fins do século III antes da era Cristã (CUNHA, 1902, p. 5).

Segue ainda a informação de que Meidani, escritor persa, que floresceu no século XII, compôs em árabe um Livro de Provérbios (ʿab-al-Amthal), com mais de 6000 mil provérbios, que mais tarde foram traduzidos para o latim pelo filólogo Eduardo Pacok (BIBLIOTECA DO POVO, 1902, p. 5).

Na Idade Média, muitos livros de origem cristã buscaram nos provérbios regras de vida, a exemplo da Bíblia que todos consideram como a grande fonte disseminadora de provérbios nas diversas nações. Todos os ensinamentos morais e intelectuais buscavam nos provérbios os exemplos de boa conduta.

Nos séculos XVI e XVII, os provérbios vigoraram como forma literária entre os escritores, apresentando duas categorias, classificados conforme a natureza destes, em provérbios gerais e provérbios particulares ou locais. Os gerais exprimem uma ideia moral ou prática, tida como uma verdade a ser seguida por todos os povos e todos os países. Os particulares ou locais devem sua origem a um fato histórico, a um costume que caracteriza a localidade ou a ocasião em que eles se originaram.

Quanto ao uso do provérbio na literatura, estendemos em particular o uso do mesmo na arte dramática, assim denominado provérbio dramático. Este gênero, segundo Mota (1974, p. 56), desenvolveu-se durante o século XVIII e tomou a forma completamente divertida e fina com Carmontelle⁵, cujos provérbios foram publicados em 1768 e 1781, com uma série de expressões proverbiais que constituem obras-primas do gênero, quais sejam: *On ne badine pas avec l'amour* - (Com amor não se brinca); *Il ne faut jurer de rien* - (Não se deve jurar nada); *Il faut qu'une porte soit ouverte ou fermée* - (É preciso que a porta esteja cerrada) etc. (MOTA, 1974, p. 56).

Mota (1974) documenta, ainda, que no Brasil, até a época em que a cultura francesa exercia influência entre nós, este gênero dramático era apreciado pelos brasileiros, até o fim do século XIX e começo do XX, com os autores:

⁵ Os provérbios de Carmontelle são por excelência um teatro da sociedade. Originalmente, não passam de telas sobre as quais os personagens da corte são convidados a Cerca de cem provérbios foram preservados. São pequenas comédias desprezíveis, levemente tecidas e desprovidas de qualquer ação dramática. A maioria dos críticos concorda que eles encontram pouco mérito literário.

- Afonso José dos Santos que escreveu “Pobre quando vê muita esmola [...], publicado no Diário de Notícias, 1878; Agrário de Sousa Menezes com “O bocado não é para quem o faz”;
- Juvenal Galeno da Costa e Silva: “Quem com ferro fere, com ferro será ferido”;
- Luís Carlos Martins Pena: “Quem casa, quer casa”, em um ato, no Rio de Janeiro, 1847, e muitos outros.

Na arte dramática referendamos o grande dramaturgo maranhense Artur Azevedo, com sua obra de grande sucesso “Amor por Anexim”, escrita em 1870, que trata de uma história de conquista e interesse, a partir da cobiça de um senhor abastardo (Isaías), por uma jovem e bela viúva (Inês). Arthur Azevedo criar um personagem que só falava por adágios. Na peça de um só ato, ele tenta conquistar o amor da viúva Inês, que o detesta justamente por falar por ditados. Logo no início da cena III, temos um exemplo dessa difícil relação e da linguagem por anexins de Isaías:

Inês (Vem pronta para sair, ao ver Isaías assusta-se e quer fugir.) - Ai!
 Isaías (Embargando-lhe a passagem.) - Ninguém deve correr sem ver de quê.
 Inês - Que quer o senhor aqui?
 Isaías - Vim em pessoa saber da resposta de minha carta: quem quer vai e quem não quer manda; quem nunca arriscou nunca perdeu nem ganhou; cautela e caldo de galinha...
 Inês (Interrompendo-o) - Não tenho resposta alguma que dar! Saia, senhor!
 Isaías - Não há carta sem resposta...
 Inês (Correndo à talha e trazendo um púcaro cheio d'água) - Saia, quando não...
 Isaías (Impassível.) - Se me molhar, mais tempo passarei a seu lado; não hei de sair molhado à rua. Eh! Eh! Foi buscar lá e saiu tosquiada (AZEVEDO, 1870, p.?).

Esta obra é recheada de provérbios, aqui exemplificados nas expressões retiradas da peça citada:

- O diabo não é tão feio como se pinta.
- Quem o feio ama bonito lhe parece.
- Ninguém diga: desta água não beberei.
- Água mole em pedra dura, tanto bate ate que fura.
- Quem espera sempre alcança.
- O futuro a Deus pertence!

- Quem conta um conto, acrescenta um ponto.
- Quem desdenha quer comprar.
- Feio no corpo, bonito na alma.
- Há males que vêm para bem.
- O que não tem remédio remediado está.
- Para bom entendedor meia palavra basta.
- Quem pergunta quer saber.
- Dois sacos vazios não se podem ter de pé.

O termo “anexim” (x=ch), uma das denominações de provérbio, palavra contida no título da obra de Artur Azevedo, citado anteriormente, demonstra, mais uma vez, quão difícil é definir provérbio. Segundo O Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa (1994, p. 74) de Antônio Moraes, anexim é “rifão popular”, “adágio”, “provérbio”. A primeira noção é ser um rifão popular que por sua vez significa “provérbio”, “ditado popular”, “refrão”. Todas as definições do termo anexim são definições sinônimas, denominações afins.

Na literatura o trabalho mais antigo sobre provérbio possivelmente seja o livro de Perestrelo da Câmara, Coleção de provérbios, adágios, rifão, anexins, sentenças morais e idiotismo da língua portuguesa, publicado no Rio de Janeiro em 1848. A coleção foi organizada por Perestrelo da Câmara, importante político e “homem das letras”, que remetem a períodos bastante anteriores, como a Idade Média. Naquele período, adágios e provérbios já eram reunidos e transcritos repetidas vezes (NUNES, 2012, p. 121).

Por constituírem frutos da experiência humana, a origem dos provérbios nos parece difícil de ser comprovada, já que esses enunciados não possuem autoria, porém, sabe-se de sua existência porque eles foram registrados por diversos povos da antiguidade.

Compartilhando desse pensamento, Mota (1974, p. 45), expressa o seguinte: “vindo de longe, em um viajar de boca - em- boca, em um passar de ouvido-a-ouvido, até alcançarem o nosso consumo cotidiano” e reforça seu pensamento com as palavras de Cervantes: “*Los refranes son **sentencias** breves sacadas de la experiência y especialmente de nuestros antigos sábios; y el refrán que no viene a propósito antes es disparate que sentencia*”.

De acordo com Mota (1974, p. 60), Cervantes talvez tenha sido o autor que mais soube fazer uso dos recursos que os provérbios podem oferecer na elaboração da obra literária, a exemplo de *Don Quixote*⁶ na figura de Sancho Pança.

Na Idade Média, muitos livros de origem cristã buscaram nos provérbios regras de vida, a exemplo da Bíblia que todos consideram como a grande fonte disseminadora de provérbios nas diversas nações. Todos os ensinamentos morais e intelectuais buscavam nos provérbios os exemplos de boa conduta.

Na Bíblia, o Livro dos Provérbios de Salomão é, sem dúvida, uma das mais importantes fontes da sabedoria ocidental, sendo considerado, portanto, um dos mais importantes livros de sabedoria. Sobre isso, Mota (1974, p. 60) ressalta que duas partes compõem o livro, assim descrito: a primeira tem uma série de exortações e de conselhos dirigidos aos moços, publicado com o nome do Rei Salomão. A segunda encerra duas coleções diferentes de provérbios isolados e trata de diversos temas.

Diz o autor que o livro dos apêndices encerra o livro, e é atribuído a autores desconhecidos, chamados no texto original de Agur e Lamuel, conforme citação abaixo:

[...] Não há dúvida que foi Salomão o Rei de Israel que escreveu o livro de Provérbios. [...] Salomão é chamado por este nome (Agur) no livro dos Provérbios. O nome "Lemuel" significa "pertence ao Senhor" no sentido de ser devotado a Ele. (MOTA, 1964, p. 60).

Ainda ressalta Mota (1974) que José Eloy Ottoni parafraseou a coletânea proverbial salomônica em português, registrado por Sacramento Blake, em seu Dicionário Biográfico Brasileiro, em cujo prefácio o autor reconhece as excelências morais dos ensinamentos contidos nos provérbios.

É importante frisar que as formas conotadas dos provérbios dão espaços para que o mesmo provérbio, falado em várias línguas, seja adaptado à estrutura linguística de cada uma, porém o sentido é o mesmo. Podendo, por um lado, haver deslocamento dos constituintes da oração, troca ou, podendo por outro lado haver deslocamento dos constituintes da oração, assim como troca ou redução de

⁶ O livro Dom Quixote, famosa obra literária, publicada em 1615 uma parte e 1615 a segunda parte em que mostra questões sérias e profundas da nossa humanidade, fazendo-nos perceber que a vida é perfeita e que podemos mudar o mundo ao qual pertencemos, basta fazer o bem e lutar pelo que acreditamos. Esta obra literária faz muito sucesso até os dias de hoje, sendo o segundo livro mais vendido do mundo, ficando atrás apenas da Bíblia Sagrada.

palavras, sem alteração do significado, o que não basta dizer que na função sociocomunicativa da linguagem, os provérbios são os mais ricos de significados.

Validando esta afirmativa, tomemos o provérbio o hábito não faz o monge, tendo este provérbio correspondência nas seguintes línguas: em espanhol com a forma *El hábito no hace al monje*; em francês com *L'habit ne fait pas le moine*; em Italiano *L'abito non fail Mònaco*; em inglês, *Clothes don't makethe man*. (SEVILLA MUÑOZ, 1993, p.57).

Buscando em Amaral (1976, p. 249), o provérbio “Quem tem rabo de palha não senta perto de fogo” esta expressão proverbial é aplicada a pessoas que, tendo muito por onde ser flagrado, e que por isso não devem procurar discussões e lutas, expondo-se a acusações e censuras. Da mesma forma, tomando os provérbios “Quem tem telhados de vidro não joga pedra no do outro” e “Quem tem rabo de palha não toca fogo nos outros”, eles apresentam a mesma estrutura, com palavras diferentes, mas com o mesmo conteúdo semântico.

Em italiano, o mesmo provérbio apresenta duas variações: Quem tem cabeça de cera não anda ao sol. Não se deve pôr a palha junto do fogo. Observamos que muitas vezes um provérbio é encontrado com variações em muitas partes diferentes do mundo.

Ao se tratar os provérbios como fonte de caráter moral e pedagógico não estaria exagerando dizer que os mesmos aliam na sua formação, assim como na sua prática ou uso, o popular e o erudito. O caráter popular dos provérbios ou sabedoria popular deve-se aos conteúdos e finalidades advindas do povo; e, quanto ao caráter erudito, os provérbios são poéticos e podem ser traduzidos em diversos idiomas, por isso são ditos em diferentes países. Quase sempre se consegue identificar o autor do provérbio. Dito isto, populares e eruditos diz respeito aos livros e o modo de atuação de ambos, estando imbricados entre si, assim como o oral está relacionado ao popular.

Prosseguindo as considerações sobre o provérbio, citaremos as palavras de Xarata (2008, p. 36), que assim esclarece:

O provérbio é onipresente, ou seja, está em todo lugar e não deixa escapar nada; intromete-se nas profissões desde o médico ao pedreiro; julgam homens, mulheres, crianças, velhos, deficientes físicos, homossexuais; esteve no passado, está no presente e acompanhará as futuras gerações. Embora não nos lembremos ao certo de como os aprendemos, sem dúvida sabemos em que ocasião os empregar.

Em observância ao que cita a autora, o saber extraído dos provérbios pode revelar experiências coletivas, variadas de acordo com momento, o local ou a situação em que estiver relacionado, daí o caráter onipresente.

Citar provérbios é prática dos mais velhos!. Ora por outra escutamos esta afirmação. Mas tudo é adaptado ao momento. Da mesma forma nos deparamos com provérbios populares modernos investidos ou parodiados.

Na visão de Castro (1994, p. 72), a partir de sua definição, os provérbios são envolvidos ou se deparam por dois tipos de textos: aqueles oriundos de provérbios consagrados, neste caso, denominados de pseudoprovérbios ou provérbios alterados, e aqueles semelhantes à estrutura de sua definição; aqui exemplificados: Na terra de reis quem tem olho é cego, linguisticamente apresenta-se como umas construções cristalizadas, com torção ou inversão dos termos “reis” e “cego”. “Em outra situação, exemplificada na expressão: Quem confere o ferro com ferro será conferido, em que, mesmo com a mudança dos termos, “confere” e “conferido”, pelos seus termos originais “com ferro” e “ferido”, há alteração de sentido pela troca dos mesmos.

Seguem outras expressões que se caracterizam como pseudoprovérbios, a exemplo dos já citados pela autora:

- Deus dá dentes a quem não tem nozes.
- Quem com ferro fere não sabe como dói.
- Quem vê cara não vê que horas são.
- Uns dias são dos caçadores e outros da caça são.
- Mais valem dois marimbondos voando que um na mão.
- Cada porco em seu chiqueiro.
- Tempo é dinheiro. Paguemos, portanto, as nossas dívidas com o tempo.
- Diz-me com quem andas e eu te direi se vou contigo.
- Quem ri por último é retardado.
- Os últimos serão os desclassificados.
- Em casa de ferreiro só tem ferro.
- Quem tem boca fala o que quiser, mas quem tem grana é que vai a Roma!
- Gato escaldado morre.
- Quem espera fica de saco cheio.

- Quando um não quer o outro insiste ou os dois brigam.
- Há males que vêm para ferrar com tudo mesmo!
- Se Maomé não vai à montanha é porque ele se mandou pra praia.
- A esperança e a sogra são as últimas que morrem.
- Quem dá aos pobres cria o filho sozinho.
- Depois da tempestade vem a enchente.

Em sentenças para reflexão, também investidos, encontramos:

- Devagar se demora chegar.
- Antes tarde do que mais tarde.
- Em terra de cego quem tem um olho é caolho.
- Quem cedo madruga fica com sono o dia inteiro.
- Pau que nasce torto urina no chão.
- Mentira tem perna curta, barba branca, língua presa e um dedo a

menos.

- É dando que se engravida.
- Quem ri por último é retardada ou loira.
- Alegria de pobre é impossível.
- A pressa é inimiga da conexão (área da informática).
- Amigos, amigos, senhas a parte (idem).

Iguais aos provérbios e de dimensão similar à da frase simples de língua portuguesa, os textos analisados são curtos, breves, com especificidades nos planos de expressão e de conteúdo. Observamos que, apesar desses pseudoprovérbios estarem em estilo de uma expressão proverbial, é fácil reconhecê-los em razão de seu conteúdo e também por estar claro que as declarações não demonstram uma tradição popular, antiga, mas usos atuais.

Castro (1994, p. 73) faz observações pertinentes sobre estas formas de expressão, na estrutura sintática e morfossintática. Segundo a estudiosa, na estrutura sintática, os pseudoprovérbios e ditos são formas sintaticamente simples, construídas sobre padrões verbais ou nominais regulares, sem alteração significativa entre seus elementos constituintes. Nos aspectos morfossintáticos, as ocorrências dizem respeito a fenômenos específicos na estrutura linguística, notadamente a redução no sistema de determinantes e a quase ausência de artigo, e quando empregado aparece sem nenhum referencial no discurso. Sua função é situar o

nome no universo da língua, é referir o nome e não o determinar. Todas essas marcas formais acarretam, por sua vez, especificidades no plano do conteúdo.

Um ponto importante e necessário que se apresenta neste momento é que os estudos literários também abarcam os provérbios sob a forma de arte. Neste sentido, as paródias são reconhecidas pelos estudiosos da literatura pelo seu valor artístico e pela riqueza de conteúdos temáticos em diversas situações.

São diversas as formas de realização das paródias que se materializam nos filmes, programas de televisão, peças teatrais, novelas, poemas, romances que estão à disposição dos falantes. Embora se estabeleça que o uso do provérbio seja prática dos mais velhos, não se sustenta em cem por cento, uma vez que os provérbios são mostrados a eles por esses meios que citamos acima e, de uma forma ou de outra, já ouviram entre seus familiares, ou leram em algum lugar. De uma forma ou de outra saberão reconhecer, mesmo investidos, que se trata de provérbios ou ditos populares para o falante brasileiro ou não.

Buscamos em Fiorio (1995, p. 53) o termo linguístico que caracteriza essa forma de uso dos provérbios, é “desproverbialização”, que segundo ele, “é o termo que designa a atitude de brincar ou jogar com o provérbio, secularmente respeitado e venerado como depositório de uma verdade”.

Alguns autores se utilizam das desproverbializações para expressarem suas ideias e pensamentos por meio de alguns provérbios ou sátiras proverbiais. Entre eles, o já citado Aparício Fernando Torelly, o Barão de Itararé, considerado o primeiro do Brasil a adotar este estilo; Guimarães Rosa, Machado de Assis, Millôr Fernandes, Mauro Chaves, entre outros, que usam a desproverbialização para justificar a forma irreverente, crítica e brincalhona que surgem das novas reescritas dos provérbios.

Ainda, em Fiorio (1995, p. 56-57) são três os motivos que justificam a desproverbialização entre os escritores:

provocar o riso descontraído do leitor/ouvinte visto em Mauro Chaves (“Quem ri por último ri melhor, mas demorou a entender); sátira aos costumes e hábitos de determinada classe popular, visto em Barão de Itararé (“Cada terra com seu uso, cada preta com seu luso”); questionamentos a verdades tidas como infalíveis e imutáveis, como em Millôr Fernandes (“Água mole em pedra dura tanto dá até que acaba água). É o que já falei anteriormente, algumas expressões são fáceis de seres identificadas por qualquer falante brasileiro e, assim, disponibilizaremos aos sujeitos informantes, que farão parte desta pesquisa, os provérbios que têm mais frequência de uso.

Corroborando ainda com as informações de Castro (1994), a obra Almanhaque, de Aparício Torelly (1895-1971), o Barão de Itararé, escrita em 1949, que à semelhança dos almanaques da época, denunciou as mazelas da sociedade sem nenhum respeito pelas autoridades.

Considerado um dos mais importantes nomes da imprensa nacional de humor, o jornalista gaúcho ganhou notoriedade escrevendo sob o pseudônimo de Barão de Itararé. Durante as décadas de 30, 40 e 50, e protagonizou alguns dos melhores momentos da sátira e do humor da imprensa brasileira.

Ao contrário de Aparício Tollery, que em sua obra altera a essência dos provérbios consagrados, como pseudoprovérbios assim definido por Castro (1994); Chico Buarque de Holanda, em sua música “O Improvério”, em vez de de brincar com provérbios em sua forma original, ele descontrói sentenças populares desdizendo-as, faz paródia com alguns provérbios, a exemplo de :

1) Ouça um bom conselho, que eu lhe dou de graça;

2) Inútil dormir, que a dor não passa.

3) Espere sentado ou você se cansa.

4) Está provado, quem espera nunca alcança.

5) Ouça, meu amigo, deixe esse regaço.

6) Brinque com meu fogo, venha se queimar.

7) Faça como eu digo, faça como eu faço.

8) Aja duas vezes antes de pensar.

9) Corro atrás do tempo.

10) Vim de não sei onde.

11) Devagar é que não se vai longe.

12) Eu semeio o vento na minha cidade, vou pra rua e bebo a tempestade.

Nas sentenças citadas acima, foram resgatados oito provérbios desfeitos de forma original, dentre eles são: “Se conselho fosse bom ninguém dava” (em 1); “Quem espera sempre alcança” (em 3); “Quem brinca com fogo, se queima”(em 6); “Faça o que eu digo, não faça o que eu faço”(em 7); “Pense duas vezes antes de agir”(em 8); “O tempo não volta atrás”(em 9); “Devagar se vai ao longe”(em 11) e “Quem semeia vento, colhe tempestade”(em 12).

2.5 Algumas pesquisas com o mínimo paremiológico já realizadas em outras línguas

2.5.1 Mínimo paremiológico russo

No ano de 1970, o linguista e folclorista Gregory Permiakov inicia seu experimento no campo da competência paremiológica, propondo definir as expressões fixas e frases proverbiais básicas que uma pessoa maior de 20 anos domina, uma vez que, segundo ele, o conhecimento paremiológico de um falante para outro varia considerando a idade, o nível sociocultural, escolaridade, sexo, região etc.

Tendo conhecimento de que a língua russa apresenta entraves no entendimento da mesma para falantes nativos e de segunda língua, projetou um estudo que viesse facilitar o entendimento da língua russa, assim como resultará em um trabalho que deixara registrada a cultura linguístico-social da cultura russa.

O experimento de Permyakov é realizado através de um questionário, previamente selecionados, com 300 parêmiias diferentes apresentados aos alunos de Moscou, tendo sido selecionado um total de 1.000 unidades russas compostas de provérbios e expressões proverbiais etc., necessárias para uma boa compreensão da língua russa. Aplicando a técnica da estatística, o mínimo se constituiu não somente com provérbios ou expressões proverbiais, mas também, outras unidades fraseológicas, como presságios, adivinhas, piadas etc. O resultado deste experimento foi publicado onze anos depois, em 1982, traduzido para o inglês na Revista *Proverbium* em 1989 (TARNOVSKA, 2002, p. 70). Ressaltamos que o método utilizado pelo linguista foi o experimental, aplicando a técnica estatística.

Essa pesquisa levou à criação de um corpus com 300 “expressões fixas, provérbios e frases proverbiais,” que, segundo ele, são indispensáveis para o bom conhecimento da língua russa, o que resultou na publicação de um livro cujo título é *FolkTale*, editado em 1979 e traduzido ao inglês na revista *Proverbium*, em 1989. Esta obra tem um valor inestimável nos estudos linguísticos internacionais, por ser referência aos métodos de construção de dados e base para a constituição de um o “mínimo paremiológico” de qualquer língua.

2.5.2 O mínimo paremiológico espanhol

Na Espanha, encontramos a proposta do Mínimo Paremiológico do Espanhol, elaborado pela ucraniana Tarnovska, com sua tese intitulada “*Consideraciones acerca del Mínimo Paremiológico Español*” (Universidade de Granada). Para ela, o Mínimo Paremiológico Espanhol existente compreende “no número de 250 unidades paremiológicas (incluindo provérbios e expressões proverbiais) que necessariamente entra na competência linguística de um falante nativo” (TARNOVSKA, 2005, p. 199).

A elaboração do corpus da pesquisa da referida autora foi realizada com alunos universitários, sendo 75 alunos de Granada e 16 alunos de Madrid (Espanha), com menos de 30 anos, e o resultado deste experimento foi que o informante espanhol jovem conhece praticamente 250 parêmiias, usando o método da disponibilidade lexical e do reconhecimento, de forma separada para evitar a interferência nos dados, ou seja, na disponibilidade lexical os informantes citaram os *refranes*, (termo popular de provérbio na Espanha), que vieram na mente do informante em determinado tempo; e depois, pelo reconhecimento, foram selecionados os refrões conhecidos a partir de uma relação disponíveis a eles.

Outros trabalhos de caráter aleatório foram realizados pela autora para constatarem os dados já adquiridos na sua primeira pesquisa, o que a autora chama de *Estudio de la disponibilidad paremiológica*, seguindo o mesmo método que realizou no estudo preliminar da primeira pesquisa, sendo realizado, desta vez, com 91 informantes.

Utilizando, ainda, sua pesquisa, a autora realizou novos estudos, comparando seus dados, com outras pesquisas semelhantes, realizadas por outros pesquisadores, tais como: Arora e seu grupo, para os refranes hispânico de Los Angeles; Sevilla y Díaz Pérez, para o Refranero dos estudantes madrilenos. Buscou também comparar seus resultados com o trabalho de campo de Martínez para o Refranero de Madrid y Guadalajara, com informantes de idades distintas (TARNOVSKA, 2005, p. 163).

A frequência no mínimo paremiológico de qualquer língua não oferece um resultado único e estável, pois uma série de fatores concorre para influenciar tais resultados. Sobre o mínimo paremiológico espanhol não é diferente, desta forma Tarnovska (2002) declara os entraves e dificuldades por que passou na investigação

do mínimo paremiológico da língua espanhola, mesmo em continuação das investigações dirigidas por Julia Sevilla y Shirley Arora no campo da competência paremiológica dos usuários desta língua.

2.5.3. Mínimo paremiológico ucraniano

Na Ucrânia, Vyshnya, com o Mínimo Paremiológico ucraniano y peculiaridades de su traducción, da Universidade Pedagógica de Poltrava, realizou um projeto de investigação que consistia em desenvolver o corpus “paremiológico ucraniano”, além de constatar que existe o mínimo paremiológico comum a todas as regiões da Ucrânia e ainda buscou as possibilidades para a tradução desta língua, com o mínimo de 304 parêmiias ucranianas, que serão úteis não só para tradutores, mas para os professores de espanhol e ucraniano.

Para a preparação do corpus, foi necessário selecionar os informantes, considerando a sua idade, status social e permanência em diferentes regiões da Ucrânia. Alunos do primeiro ano da Faculdade de Filosofia do curso de Folclore da Universidade Pedagógica Poltrava receberam a tarefa como trabalho final de curso, devendo os mesmos coletar, em quatro semanas, todos os gêneros populares aprendidos em sala de aula.

Os alunos do grupo de trabalho que iam participar da pesquisa para “mínimo paremiológico ucraniano” receberam a tarefa especial de trabalhar, apenas, com “provérbios”, nas entrevistas com informantes de diferentes idades. Como a Universidade de Poltava ficava no centro da Ucrânia, geograficamente havia alunos de diferentes regiões do país. Logo, as entrevistas podiam cobrir todas as 25 regiões administrativas da Ucrânia e obter ditados conhecidos.

No campo da Paremiologia mais contemporânea, encontramos os trabalhos de Sevilla Muñoz, da Universidade Complutense de Madrid, que observando a importância da língua espanhola no mundo, entendeu a necessidade de elaborar trabalhos que facilitassem a difusão e o ensino da língua espanhola.

Nas investigações feitas pela autora, encontramos trabalhos que dão suporte para estudos e pesquisas da língua espanhola, para quem assim desejar tomar conhecimento, tais como: *Las parêmiias españolas: clasificación, definición y correspondência francesa; O mínimo paremiológico: opções metodológicas e sua*

aplicação ao ensino de línguas”, *Propuesta de sistematización paremiográfica*; “*El refranero hoy*”; *La competencia paremiológica: los refranes*, e outras.

2.5.4. Outros estudos no campo da competência paremiológica realizados em outras línguas

Gyula Paczolay, especialista em Paremiologia húngara e Paremiologia comparada, é um paremiólogo de renome internacional, entre outros como Wolfgang Mieder (EUA), Arvo Krikmann (Estónia), Frantisek Cermak (República Checa), Julia Sevilla Muñoz (Espanha) que tratam os estudos paremiológicos como um campo rico que oferece informações valiosas para o estatuto cultural de um povo.

O paremiólogo húngaro Paczolay publicou vários artigos nas principais revistas dedicadas ao estudo de Paremiologia como *Proverbium*, tendo autoria significativa de dois valiosos dicionários de literatura húngara em que os provérbios húngaros têm suas correspondências em várias línguas europeias e asiáticas, num total de, no máximo, cinquenta e cinco línguas contidas no trabalho (PARÊMIA, 2009, p. 11-20).

Ele tem escrito numerosos artigos sobre diversas manifestações do folclore húngaro popular e outras culturas. Com seu trabalho, o estudioso impulsionou consideravelmente o desenvolvimento de Paremiologia na Hungria e, com razão, o seu trabalho pode ser considerado uma pesquisa paremiológica de referência para aqueles que desejam abordar o estudo dos provérbios húngaros, com método comparativo (PARÊMIA, 2009, p. 11-20).

Paczolay impulsionou de forma bastante significativa o desenvolvimento da Paremiologia húngara, pois todos os seus trabalhos são referências para futuros estudiosos nesta área científica, em especial o estudo da Paremiologia comparada da língua húngara. O estudioso tem escrito numerosos artigos sobre as várias manifestações do folclore popular húngaro assim como em outras culturas (PARÊMIA, 2009, p. 11-20).

Tarnovska (2002, p.?) cita que “um dos primeiros a utilizar o método estatístico para a investigação de Provérbios é o sociólogo norte-americano William Albig que, em 1931, propôs a 68 alunos citarem os provérbios que vêm à mente

durante meia hora”. No final obtive um total de 1.443 provérbios, pontuando uma média de 21,2 provérbios por pessoas e o mais comum foi citado 47 vezes.

Cita ainda a pesquisadora que na década de trinta o folclorista sueco Carl Herman Tilhagen faz uma pesquisa aos habitantes mais velhos de uma pequena cidade sueca cujo conhecimento de refranes varia 21 a 575 unidades. Depois de obter os resultados, o pesquisador concluiu que falante mais velho geralmente conhece cerca de 1000 provérbios, expressões proverbiais, comparações fixas. Informantes idosos e da zona rural deu-lhe uma média de 134 provérbios por pessoa.

Dias Pérez, citada por Tarnovska (2002), realizou um trabalho denominado *El reconocimiento de los refranes populares por parte de escolares: estudio de Díaz Pérez*, que buscava a competência paremiológica de estudante no nível primário e secundário, de uma escola de Madrid, utilizando também a técnica experimental, apresentando uma lista de 10 provérbios para os estudantes reconhecerem os que fossem mais familiares a eles. O resultado do experimento mostrou uma competência média de 4 refrões para alunos de 9 anos, 6 refrões para os estudantes de 14 anos e de 8 para os estudantes da educação formal de 17 anos. Os refrões apresentados neste estudo foram os seguintes: (tradução nossa)

*Donde menos se piensa salta laliebre.
 Agua que no has de beber, déjala correr.
 No te acostarás sin saber una cosa más.
 Al perro flaco todo son pulgas.
 De tal palo, tal astilla.
 Quien ri el último, rie mejor.
 Es de bien nacido ser agradecido.
 De fuera vendrá quien de casa nos echará.
 Ojo por ojo, diente por diente.
 Más sabe El diablo por viejo que por diablo. (TARNOVSKA, 2002, p. 78).*

Em parceria com Sevilla Muñoz, Díaz Pérez (1977 *apud* TARNOVSKA, 2002) realiza outro estudo, no campo da competência paremiológica comparada, intitulado “*La evaluación de la competencia paremiológica de los estudiantes de distinta edad*”, entre alunos de diversos curso e estudantes universitário, tendo sido proposto aos estudantes que escrevessem no prazo de 5 minutos os refranes que lhes viessem na mente.

O objetivo deste trabalho foi fazer uma análise comparativa com base nas diferenças de idade dos informantes entrevistados, com uma descrição detalhada

dos gêneros fraseológicos em subgrupos: parêmia (refranes, dialogismos, wallerismo, frases proverbiais) e expressões idiomáticas.

No campo da Paremiologia mais contemporânea encontramos os trabalhos de Sevilla Muñoz, da Universidade Complutense de Madrid, que observando a importância da língua espanhola no mundo, entendeu a necessidade de elaborar trabalhos que facilitassem a difusão e o ensino da língua espanhola (Parafraseando J. SEVILLA MUÑOZ y J.C. DÍAZ PÉREZ, 1997 *apud* TARNOVSKA, 2002).

Nas investigações feitas pela autora encontramos trabalhos que dão suporte para estudos e pesquisas da língua espanhola, para quem assim desejar tomar conhecimento, tais como: *Las paremias españolas: clasificación, definición y correspondencia francesa*; O mínimo paremiológico: opções metodológicas e sua aplicação ao ensino de línguas”, *Propuesta de sistematización paremiográfica*; “*El refranero hoy*; *La competencia paremiológica: los refranes*, e outras.

Na Itália, temos o trabalho de Sardelli (ano) professora da Universidade Complutense de Madrid, intitulado *Aproximación à elaboración do Mínimo paremiológico italiano*, que mais uma vez busca ilustrar o corpus de parêmias de uso atual que é indispensável para o domínio do italiano, buscando apoio no Grupo de Pesquisa UCM 930235 e aos Projetos de Investigação já realizados neste campo.

Anos mais tarde, seguindo o experimento de Permyakov, especialistas da Paremiografia inglesa elaboraram dicionários de provérbios, utilizando critérios histórico-comparativos em parceria com os melhores paremiólogos que se dedicaram à análise de provérbios anglo-americanos, aqui citados Trench, Gente, Taylor, pioneiros nos estudos paremiológicos ingleses.

Na França, por iniciativa do linguista Anscombe (1997) foi criada a revista *Langage*, direcionada aos estudos dos provérbios e ditados, como uma forma de provar que eles são dignos de interesses linguísticos e que constituem um subsistema do sistema geral da língua.

Com a coordenação do referido linguista, a revista selecionou o primeiro número para publicar oito artigos que estudam linguisticamente os provérbios, assim distribuídos: Conenna se interessa pelas estruturas sintáticas dos provérbios franceses e italianos, a partir de um ponto de vista diacrônico. Kleiber se deteve às propriedades semânticas dos provérbios com o objetivo de chegar a uma definição semântica dos mesmos. Palma buscou a parte da contraposição (morfologia ou

semântica) dos provérbios, examinando o jogo polifônico que gera e permite classificá-los. Perin fez uma série de considerações sobre a dimensão genérica da denominação dos provérbios. Schapira analisa a proverbialização ou o processo de aquisição da categoria proverbial. Sevilla trata da determinação de uma correspondência paremiológica entre duas línguas (francês e espanhol), utilizando critérios tradutológicos, baseados em critérios morfossintáticos, semânticos e pragmáticos. Tamba questiona sobre a possibilidade de uma descrição das propriedades linguísticas dos provérbios. E por fim, Anscombe aborda a definição dos provérbios e das frases proverbiais, assim como sua estrutura métrica.

Em seu trabalho *Reflexiones críticas sobre La naturaleza y El funcionamiento de las parêmias*, Anscombe (1997) buscou investigar, linguisticamente, a classificação das classes de palavras, assim denominada por ele, onde questionava se tais classes de palavras seriam típicas ou não típicas de serem um provérbio ou expressão proverbial, uma vez que ele, o linguista, não se apropriava de nenhum critério que lhe permitisse delinear as diferenças dessas sentenças. São três os pontos de destaque na pesquisa de Anscombe (1997):

1. Visão metalinguística das parêmias - Examina as noções de adágio, provérbio e refrão como faz o uso destes na considerando a função metalinguística, embora muitos autores confundissem ou equiparassem os três fraseologismos;

2. O funcionamento no discurso - É visto a tipologia das parêmias, ou seja, adágios, refrãos, provérbios e como funcionam no discurso e a aplicabilidade dos mesmos no discurso;

3. Algumas propriedades linguísticas das parêmias, com subdivisões pertinentes em cada propriedade.

2.6 Breves considerações sobre o português brasileiro

Muito se tem ouvido falar sobre a possibilidade de haver uma língua brasileira, cujos argumentos imperam na defesa de saber se a língua permanece unicamente lusitana ou se há, em algum tempo, certo ar de brasilidade, já que possíveis diferenças, estritamente linguísticas, poderiam estar diferenciando o perfil da gramática portuguesa e o da gramática brasileira, semelhante ao que aconteceu com as línguas românicas, derivadas do latim, como, por exemplo, a questão das diferenças de colocação e de uso dos pronomes clíticos entre as variedades

portuguesa e brasileira, de forma que podemos caracterizar este fato, se possível, como liberdade de expressão.

Sabe-se que toda e qualquer língua é o resultado de um conjunto heterogêneo de variedades agrupadas por razões históricas, culturais e políticas, ou seja, é resultado das peculiaridades das experiências históricas do grupo que a fala. Desta forma, todo o conjunto de variedades que constituem o português passou por mudanças e continua mudando, isto é uma das características das línguas humanas, elas não são um fato imutável; elas mudam constantemente no tempo, na pronúncia, nas estruturas, no uso etc. São mudanças consideradas necessárias, embora a sociedade sempre demore a aceitar tais mudanças. Mas elas estão presentes e podem ser percebidas com facilidade, especialmente na conversa informal, por ser esta uma atividade mais espontânea e, portanto, mais livre dos controles sociais que recaem sobre as variedades usadas em situações formais.

Sandra Cavalcanti (2004) faz considerações bem pertinentes sobre a Língua Portuguesa que corrobora com o que citamos no parágrafo anterior, sendo valiosa sua colocação quando diz que:

a língua portuguesa é falada hoje por mais de duzentos milhões de pessoas. Produto nobre, antigo, de alto valor formado ao longo de vários séculos, pequenas conquistas, delicadas mudanças e imperceptíveis ajustes. Rica, versátil e ágil, ela dispõe de mecanismos que lhe permitem assimilar novos conceitos, novas tecnologias e novas formas de criação vocabular. Ainda que se atenha aos rigores de uma estrutura essencial, ela oferece suficiente liberdade para os voos da arte e da beleza. (CAVALCANTI, 2004, p. 52).

A língua portuguesa, no contexto de sua origem, de suas especificidades e evoluções, dá oportunidades para dizer que, apesar de partilhar de uma origem comum, no caso da língua latina, mas a língua portuguesa brasileira tem características próprias conforme a natureza de seu povo, em todos os aspectos, linguístico, cultural, político-social.

Se tomarmos uma posição historiográfica, podemos estabelecer uma periodização para os estudos do Português no Brasil. Essa periodização vai da descoberta em abril de 1500, no último ano do século XV, quando Portugal traz ao solo conquistado sua civilização e língua, conforme anunciava a carta de Pero Vaz de Caminha: “a quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves a que chamam fura-buchos, e neste dia, à hora da véspera, houvemos vista de terra”, indo até a

primeira metade do século XVI. As bandeiras e as catequeses deram expansão ao tupi, fazendo dele a língua geral da nova colônia, a partir daí a língua que se falava por todo o litoral brasileiro era o tupi.

Pelo desenvolvimento de nosso país, pela sua importância comercial, ninguém duvida de que o português do Brasil já seja bastante diferenciado do português de Portugal; é fato que a nossa expressão se torna a preferida, face à expressão europeia. É certo que linguisticamente entre os indivíduos não pode existir a mesma e exata pronúncia do mesmo vocábulo, entre a pronúncia de um e de outro haverá sempre pequena oscilação para mais ou para menos. É fato de que língua, literatura e gramática são instâncias que legitimam a construção da identidade linguística e o produto cultural de uma nação, logo, a língua portuguesa é a pátria de todos aqueles nativos que aqui vivem unidos socialmente pela mesma língua, pela mesma cultura, pelas mesmas inspirações político-sócio-econômicas.

Muitos linguistas brasileiros já expressavam o sentimento de brasilidade, anunciando a independência linguística do Brasil dos padrões portugueses e que a “escrita deve se pautar pela linguagem falada do Brasil e não pela língua escrita em Portugal” (SIMÕES, 1996, p. 80). Esse sentimento de brasilidade é visto por Antônio Joaquim de Macedo Soares, quando publicara em 1880, na Revista Brasileira, estudos lexicográficos do português do Brasil e o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa onde o termo “brasileira”, o autor já destacara com determinação dizendo que “já era tempo dos brasileiros escreverem como se fala no Brasil e não como se escreve em Portugal” (CÂMARA JR, 2002, p. 200)

Muito se tem questionado sobre a língua portuguesa brasileira, demarcando o lugar do brasileiro, e ocupando posições nacionalistas em terras brasileiras - essa foi a preocupação de Mário de Andrade, com seu espírito nacionalista, quando criou uma “Língua Brasileira”, em detrimento da noção de Língua Portuguesa, com a obra “A Gramatiquinha” que faz algumas considerações da fala brasileira, tendo como corpus representativo parte da sua correspondência com Manuel Bandeira.

A obra “A Gramatiquinha” de Mário de Andrade: texto e contexto, publicada por Edith Pimentel Pinto, analisa o trabalho do intelectual interessado em conhecer a Língua Portuguesa, intervir nela e deixar legados a respeito dela para os seus sucessores, Pinto (1990, p. 49), apoia-se nos dizeres de Mário de Andrade, que assim, declara:

Não pensem que vou defender Portugal e me tornar simpático pros portugas nacionalistas não. Não tenho por Portugal nenhuma ternura maior que a que tenho pelos Cochinchins ou norte-americanos. Não se trata de reação contra Portugal. Trata-se duma independência natural, em reivindicações nem nacionalismos, sem antagonismos, simplesmente inconscientemente. Ora aplicando o caso à língua o que a gente tem de fazer é isso: ter coragem de falar brasileiro sem si amolar com “a gramática de Lisboa” ... Não se trata de reagir, trata-se de agir que é mais nobre e viril.

Sabe-se que a gramática é o registro de um contrato realizado entre os falantes de uma sociedade linguística e, considerando este argumento, entendemos que o ensino/aprendizagem da língua materna requer de primeira mão, a aquisição e o processamento de aspectos da linguagem, estando à memória a serviço desta atividade.

Não se pode aprender e falar nenhuma língua sem conhecer sua estrutura, visto, primeiramente, em seu léxico. A aprendizagem deste é um requisito fundamental para o que chamamos de conhecimento de base para o ensino da língua materna e, conseqüentemente, a aprendizagem de uma segunda língua.

A criação de uma literatura nacional expressa na variedade brasileira da língua portuguesa é um importante critério de brasilidade, retomada pelos modernistas que defendiam a necessidade de romper com os modelos tradicionais e privilegiam as peculiaridades do falar brasileiro, tanto na pronúncia quanto certas mudanças de léxico que se apresentam entre as regiões do Brasil.

Quando se diz que uma comunidade linguística “fala a mesma língua” a impressão que temos é de que todos os membros dessa comunidade conhecem a mesma coisa. Ledo engano, ninguém, de fato, conhece uma língua na totalidade de seus usos. Entendemos que a língua não existe por si só, mas para seus falantes e, em virtude do uso que eles fazem dela, de acordo com o contexto social da comunicação, ou seja, onde utiliza a linguagem, a quem se dirige e para que se comunica.

Considera-se neste momento o que diz Cunha (2008, p. 21) sobre a postura metodológica adotada na Linguística, quando declara que:

todas as línguas e todas as variedades de uma mesma língua são igualmente apropriadas ao estudo [...]. Cabe ao pesquisador descrever com objetividade o modo como as pessoas realmente usam a sua língua, falando ou escrevendo [...] que apesar de se interessar também pela escrita, apresenta interesse especial pela fala, uma vez que é nesse meio que a linguagem se manifesta de modo mais natural.

Por sua vez, a língua, em seu aspecto funcional, busca no léxico um meio para desenvolver a concepção de língua como instrumento de uso e comunicação. Seu conhecimento é decisivo para nos comunicarmos e interagirmos. Todavia, este conhecimento não deve coincidir só na ampliação do léxico dos falantes, mas também proporcionar o conhecimento dos traços funcionais das palavras como unidades linguísticas, em todas as suas dimensões pragmáticas e sociais.

A visão que Biderman (2001, p. 178) tem sobre o léxico explica a língua em seu contexto estrutural, quando diz:

O léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades.

Diz ainda o linguista que “o léxico tem um papel fundamental na estrutura e funcionamento da língua; de fato, ele constitui um dos pilares desse fenômeno, referem a todos os conceitos linguísticos e extralinguísticos de uma cultura e de uma sociedade”. Na perspectiva de Perini (2000, p. 344):

[...] “o léxico não se compõe apenas de palavras, ele compreende, também, morfemas isolados, além de expressões fixas”. Sendo o léxico um organismo tão expressivo e rico da língua, ele necessita de uma ciência que transite por suas especificidades, conseguindo atender às suas necessidades ou parte delas, tais como a Lexicologia- ciência que tem como objeto o léxico de uma língua e a Lexicografia que visa descrever o léxico das línguas organizado em obras lexicográficas.

De maneira geral, o léxico pode ser entendido como o conjunto das palavras de uma língua, que por sua vez traduz a cultura de seu povo. Com o passar do tempo, as palavras utilizadas no cotidiano de uma comunidade linguística vão constituir, de certa forma, o vocabulário e, por conseguinte, o acervo cultural dessa comunidade.

2.7 A Paremiologia brasileira

No campo da Paremiologia, a nossa atenção é, em especial, o Mínimo Paremiológico do Português do Brasil, para tanto se faz necessário fazermos um estudo sobre a posição historiográfica da língua portuguesa no Brasil, levando-se em conta fatos que estabeleceram a trajetória do português brasileiro, visto desde o descobrimento do Brasil, em 1500, até a primeira metade do século XIX.

O caráter científico e multidisciplinar da Paremiologia encontra aliado em quase todas as áreas de estudos, com as disciplinas: linguística, literatura, sociologia, folclore, filosofia, antropologia, enfim, todas as disciplinas similares, porém, cada uma com seu objeto de estudo direcionado. É no folclore que se encontra grande parte do acervo paremiológico de um povo, ou melhor, das aspirações e vivências de uma comunidade linguística. Dentro do amplo campo da Paremiologia, buscamos referências em estudos já realizados, e o caminho que demarca uma Paremiologia genuinamente brasileira, e por onde encontraremos o ponto de partida desse acervo.

Nesse campo científico encontramos trabalhos inéditos, realizados com métodos eficazes que garantem a confiabilidade da pesquisa, servindo de referencial teórico para os estudos que abarcamos como temática para esta tese de doutoramento. Segundo Mota (1974, p. 32), a maior parte do acervo paremiológico brasileiro começou com os bandeirantes, os missionários, os aventureiros, os desterrados, os fugidos, todos foram os primeiros transmissores de provérbios que hoje constituem o nosso acervo.

Diz, ainda, o pesquisador, que a implantação da escola pela metrópole, mesmo em condições precárias, foi importante para a fixação da língua portuguesa, porém, era a forma que a metrópole tinha em manter, não apenas o poder político-econômico, mas, também, o de implantar a sua cultura por considerar-se superior.

Nessa tarefa, os missionários tiveram um papel importantíssimo, assim como o mestre-escola, que na época do ouro, fora nomeado por carta-régia, sob a denominação de professor de gramática; foram eles veículos primordiais para a disseminação de formas proverbiais. E, juntando-se a tudo isso, posteriormente, várias correntes migratórias vindas de diferentes regiões do Brasil, nesta condição acarretando no acervo paremiológico brasileiro diversas variantes, demonstrando desta forma o poder criador e assimilador de nosso povo, segundo Mota (1974, p. 32).

No Brasil, temos contribuições valiosas de zelosos autodidatas do nosso folclore. Ao fazermos um resgate nos estudos paremiológicos da língua portuguesa, encontramos a figura de Fontes Ibiapina, com a obra "Paremiologia Nordestina", livro que trata dos adágios, rifões, brocardos, anexins, parêmiias, máximas, ditados, expressões, comparações, relaxos, paleios, chulos, enfim, a obra apresenta toda uma riqueza do homem nordestino em sua criatividade de caboclo, que durante 23

anos transita pelos caminhos da Paremiologia, representando a riqueza do Piauí e do nordeste, nas suas tradições, na sua história e na sua cultura, de fio a pavio, como ele mesmo diz. Ibiapina dedicou-se ao campo científico das expressões fraseológicas da língua portuguesa, como ele relata na passagem que segue:

“Isto afora nosso apego a tais expressões desde os tempos de menino encapetado e travesso por estas redondezas de cafundós de sertão”. Por outro lado, na classificação Nordestina nada há de exclusividade. Como sabemos os provérbios, adágios, prolóquios etc., são universais, haja vista que, em grande parte, de origem chinesa, latina, francesa, italiana e lá se vai fumaça. In totum é o que os filólogos denominam de “Moléstia Verbal”. Fica claro que a adjetivação “Nordestina” apenas esclarece que são os rifões, modismos etc., usados no Nordeste, bem como por este Brasilão todo e mundo a fora. E o mais é questão de mais arrobos e menos quintais. Na próxima edição, se Deus não nos mandar ao contrário, apresentaremos, como epílogo, relação de inúmeros deles em outros idiomas (IBIAPINA, 1969, p. 249).

O estudo paremiológico brasileiro têm contribuições valiosas de zelosos autodidatas do nosso folclore. Pesquisadores de renome que deixaram contribuições valiosas para o estudo paremiológico a exemplo de Amadeu Amaral, com a fala caipira; Amadeu de Queiroz, com a fala caipira paulista e mineira; Victor Russomano, como seu Adagiário Gaúcho.

No Ceará, Leonardo Mota, um dos maiores folclorista brasileiro, deixou uma obra de suma importância para a Paremiologia brasileira, intitulada “Adagiário brasileiro”, uma coletânea de adagiários que permanecera inédito há 13 anos na mão de seu autor, faltando apenas quem o editasse, porém, desapareceu misteriosamente por ocasião de sua morte, em 1948, sendo encontrado posteriormente e refeito pelos filhos a partir de anotações em cadernos e, só em 1982, fora editado pela editora José Olímpio, em convênio com a Universidade do Ceará. Sobre a obra, o autor declara que os provérbios transcritos foram quase todos ouvidos “da boca do povo”, constituindo-se o testemunho vivo da nossa cultura oral.

A mesma proeza, Ático Vilas Boas da Mota, pesquisador nato, fez com seus Provérbios em Goiás, ao realizar no vasto e rico território dos adágios, uma pesquisa de campo em jornais e livros goianos de várias microrregiões goianas, no período de 1963 a 1971, servindo esta pesquisa como corpus de sua tese de doutoramento defendida na USP.

Sem poupar trabalho árduo, analisou 846 ditados populares distribuídos em 685 formas originais e 161 formas variantes, verificados em seus diversos aspectos, classificados em 15 grupos, de acordo com as conotações dos enunciados ou conforme a filosofia que encerram, fazendo, em seguida, um estudo comparativo. “E devolve ao povo tudo aquilo que dele recebe”, palavras ditas pelo autor, referenciando o dizer do estudioso romeno Antônio Pann. E assim o fez com a publicação da obra em 1974, pela Oriente de Goiana.

José Pedro Machado e Leonardo Mota deram grande contribuição ao estudo dos adágios em Portugal, como no Brasil. O primeiro chegou aos adágios pelo estudo da história da lexicologia e, Leonardo Mota, pela via do folclore e dos estudos de cultura regional.

Estudiosos brasileiros, que apresentaram pesquisas com provérbios e, conseqüentemente, contribuíram para os estudos da Paremiologia brasileira, temos:

Velasco (2000) com o estudo “Padrões de uso de provérbios na sociedade brasileira”, em que a autora apresenta opções diversificadas para o estudo dos provérbios, assim como a sua condição tradicional, sua imagem rústica, sua forma prosódica, seu valor didático, sua condição de elemento persuasivo. A pesquisa objetivou-se verificar os padrões de uso de provérbios na sociedade brasileira, por meio de análise das condições de produção e recepção de provérbios.

A metodologia da pesquisa foi a etnográfica (relatório de cunho científico que procura explicar o modo de vida de comunidades escolhidas para estudo), cujos informantes foram brasileiros, descendentes de brasileiros, de ambos os sexos e faixa etária, nível de escolaridade e aspectos econômicos diversos. A construção do corpus deu-se por meio de entrevistas realizadas primeiramente nas zonas rurais e urbanas do Distrito Federal, onde brasileiros de todas as regiões do Brasil encontram-se radicados e posteriormente a pesquisa se estendeu nas zonas rurais e urbanas de cidades do Estado de Goiás e zona sul do Rio de Janeiro. Os recursos utilizados no registro das entrevistas foram fitas de áudio e vídeo, com anotações e transcrições em vinhetas. Foram analisadas 29 interações relatadas ou assistidas nos vídeos, resultando um corpus de 35 provérbios, três frases feitas e 2 superstições. As análises demonstram que os brasileiros, além de utilizarem os provérbios com sentido didático-persuasivo, usam-nos também como estratégias interacionais para: aconselhar, admoestar, angariar apoio, consolar-se, avaliar uma situação, disfarçar seus verdadeiros sentimentos, endossar opinião, expressar

solidariedade, impor autoridade, intimidar, persuadir etc., tudo diante dos interlocutores.

Lima (2011) professor do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudeste da Bahia - UESB, em seu trabalho intitulado O Uso de provérbios no ensino de língua estrangeira: uma análise contrastiva, fez um estudo contrastivo entre alguns provérbios da língua inglesa e seus equivalentes em português, bem como ilustrou a importância do uso desses provérbios no ensino e na aprendizagem de língua estrangeira.

A pesquisa foi conduzida com o auxílio de 12 alunos do quinto semestre do Curso de Letras, na disciplina Inglês, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, campus de Vitória da Conquista, tendo sido motivada pela abordagem do tópico “provérbio”, no livro texto utilizado para o curso.

Como tarefa extraclasse, após abordagem do assunto em sala de aula, foi pedido que cada aluno entrevistasse, no mínimo, cinco pessoas, com a finalidade de procurar saber se os mesmos usavam provérbios em suas conversações diárias, em que circunstâncias e com que finalidade eles eram utilizados. Esta seria a primeira etapa.

De posse dos provérbios coletados em português, para a segunda etapa foi solicitado que os alunos procurassem os provérbios equivalentes em língua inglesa. Por fim, os provérbios encontrados que tiveram correspondência eram, de fato, utilizados por falantes norte-americanos.

Este procedimento metodológico foi realizado por meio de um estudo comparativo entre alguns provérbios brasileiros e americanos, pelo correio eletrônico. A lista dos provérbios em inglês foi enviada para algumas pessoas nos Estados Unidos, com o pedido para verificar se tais provérbios eram de seu conhecimento e se faziam uso dos mesmos em suas conversações diárias. Participaram da pesquisa, no Brasil, 65 pessoas, sendo 30 do sexo masculino e 35 do sexo feminino, cuja faixa etária variava de 10 a 84 anos de idade. O grau de instrução dos informantes era também diversificado, indo de analfabetos a pessoas com pós-graduação, em nível de mestrado.

Quanto aos participantes americanos foram, apenas, 7, sendo 3 do sexo masculino e 4 do sexo feminino. Seis deles tinham mais de 50 anos de idade, não excedendo 70, e apenas um com 23 anos. Todos possuíam curso superior, inclusive em nível de mestrado (02) e doutorado (04).

Diante de todos esses referenciais citados sobre a Paremiologia brasileira, parecem-nos suficientes para justificar nosso intento em fazer a constituição do “Mínimo Paremiológico do Português Brasileiro” que, de certa forma, consideramos inédito por termos constatado que os trabalhos realizados são apenas na seleção de provérbios com um fim didático-pedagógico.

2.8 O lugar dos provérbios em materiais didáticos para o ensino de línguas

A relação entre léxico e cultura está visivelmente inserido na constituição de uma língua. E os provérbios são parte dessa língua que a gente usa no dia a dia, logo, o estudo por meio deles torna o ensino bastante interessante, pois é uma forma de aproximar o aluno com a língua que fala e usa no dia a dia.

Por outro lado, é possível desenvolver um bom trabalho a partir dos provérbios, pois além de desenvolver a habilidade comunicativa, facilita a compreensão comunicativa do mesmo. A ocorrência de atividades envolvendo provérbios no ensino de Língua Portuguesa é mínima ou mesmo não existe a pesar de os provérbios terem cunho didático.

Considerando este fato, procuramos analisar como os provérbios são tratados nas gramáticas e nos livros didáticos para o ensino de língua materna e língua estrangeira. Sobre isso, Travaglia (2000) faz o seguinte pronunciamento:

[...] o ensino da língua materna justifica-se prioritariamente pelo objetivo de desenvolver competência comunicativa dos usuários da língua (falante/ouvinte, leitor); isto é a capacidade do usuário de empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação (TRAVAGLIA, 2000, p. 17).

Percebe-se que na prática há um distanciamento do verdadeiro sentido de se ensinar a língua materna. De acordo com o referido autor, o objetivo das aulas de português é desenvolver no aluno seu poder de comunicação, tendo pleno domínio em sua comunicação, pois, antes de tudo é preciso acreditar que o homem se comunica por meio de textos, assim afirma Travaglia (2003, p. 44), porém o que vemos são metodologias superadas e infrutíferas e que de certa forma sufocam seus alunos.

Discute-se muito a questão dos objetivos para o ensino da língua materna, e nesta perspectiva Travaglia (2003, p. 77) tem assumido sempre a

postura de que “é possível ensinar a língua, o que resulta em habilidade de uso da língua, e ensinar sobre a língua, o que resulta em conhecimento teórico (descritivo e explicativo) sobre a língua e pode desenvolver a habilidade de análise de fatos da língua”.

Neste sentido, alguns pontos fundamentais representam a base para o trabalho com a língua materna em sala de aula, de forma interativa e, neste sentido, o texto é considerado um desses pontos fundamentais, com os quais as pessoas interagem sistematicamente em seu cotidiano, tanto em situações informais, quanto em situações formais é o que Koch (2002, p. 17) considera ser o próprio lugar da interação e que o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos ou texto co-enunciadores, isto é, o texto não preexiste a essa interação e nada mais eficaz do que trabalhar textos que além de interagir o sujeito-leitor em seu contexto social, interagem, também, com a cultura do sujeito receptor.

Assim sendo, o gênero provérbio se apresenta como um texto que possui várias potencialidades para o ensino aprendizagem de uma língua, por constituírem o saber popular e expressarem a experiência de vida do homem, apresentando-se como incitadores de atitudes e valores considerados positivos para o comportamento do cidadão, embora seja pouco utilizado no processo de ensino-aprendizagem.

Nosso propósito, neste capítulo, é analisar o tratamento dos provérbios em livros didáticos, para esta análise, selecionamos alguns materiais didáticos de língua materna, assim como para ensino de língua estrangeira. Para referendar este estudo buscamos a dissertação de mestrado de Gislene Lima Carvalho (2011), Unidades fraseológicas no ensino de português língua estrangeira: os últimos serão os primeiros, orientada pela Prof.^a Dr.^a Rosemeire Selma Monteiro-Plantin.

Segundo a pesquisadora, o livro Português básico para estrangeiro (SLADE, 1993), propõe um ensino que se estende do nível básico ao avançado, alcançado gradativamente este nível no decorrer das unidades. Em sua análise, há no material didático, na segunda metade do livro, a presença de provérbios em uma atividade com apresentação de alguns provérbios e, sobre um deles, o aluno fará uma narrativa de modo que justifique o sentido do mesmo.

O segundo livro analisado foi Sempre amigos (FONTÃO; COUDRY, 2000), é um livro voltado ao público jovem e que por isso são priorizados jogos e brincadeiras. Neste material didático, os provérbios não foram privilegiados.

O terceiro livro, intitulado “Diálogo Brasil: curso intensivo de português para estrangeiro” (LIMA; IUNES; LEITE, 2003), a pesquisadora analisa que o objetivo principal apresentado no prefácio do livro citado é “levar o aluno a falar rápido, sendo capaz de comunicar-se corretamente em linguagem coloquial e situações cotidianas”. Pondera, ainda, que o material se dedica, em sua quase totalidade, ao ensino de gramática, tendo algumas pinceladas nas fórmulas de rotina como ‘muito prazer e tudo bem.

O quarto livro *Aprendendo português do Brasil* (LA ROCA; BARRA; PEREIRA, 2003) foi observado que ele inicia com a apresentação em 5 idiomas: português, inglês, francês, espanhol e alemão, sendo destacado o objetivo pelas autoras como “dar condições ao aluno estrangeiro de dominar, em pouco tempo, as *estruturas fundamentais* da língua portuguesa nas modalidades oral e escrita. (grifo da pesquisadora). Os estudos de textos proverbiais não foram encontrados na análise da pesquisadora.

O quinto livro “Estação Brasil (BIZON; FONTÃO, 2005, p. ?), “propõe um ensino de línguas, voltado ao estudo do texto para alunos que já possuem uma proficiência na língua portuguesa, por meio de textos retirados de jornais, livros e revistas”, de forma que nem as unidades fraseológicas nem textos proverbiais constam no mesmo, havendo, segundo a pesquisadora, uma breve menção às expressões idiomáticas, tais como: Vida de cão, Bom pra cachorro, Ruim pra cachorro.

Em “Tudo bem? Português para a nova geração” (PONCE; BURIM; FLORISSE, 2008), destaca “a comunicação natural e espontânea” como objetivo do livro didático. Há uma unidade que aborda alguns provérbios para discussão entre os alunos, disponibilizando como atividade outros provérbios, tais como: tal pai, tal filho; filho de peixe, peixinho é; sugerindo que seja criado pelos alunos histórias, cuja moral seja o provérbio em questão.

O sétimo livro analisado foi *Bem-Vindo!* (PONCE; BURIM; FLORISSI, 2009) que aborda em seu conteúdo expressões idiomáticas, provérbios e colocações. Sendo a proposta deste material didático “ensinar o português como ele é”; quanto às atividades “são apresentadas apenas como curiosidades sem qualquer trabalho para sua assimilação ou aprendizado”, assim argumenta a pesquisadora.

Com a mesma perspectiva de análise nos materiais didáticos, realizado pela estudiosa Gislaine Lima de Carvalho, realizamos uma análise no material

didático para o ensino da Língua Portuguesa, desta feita foram avaliadas cinco coleções com três volumes, e um livro didático com vol. Único, elencados a seguir:

- Português: Língua, literatura, produção de texto: Volume Único (Luiza Aburre [et al], 2004). Livro didático do Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio de todo o país - PNLEM;
- Português Linguagens: Literatura - Produção de texto - Gramática. (Roberto Cereja. [et al], 2005). 3 vols. Livro didático do PNLEM.
- Português: Ensino Médio. (Barreto, 2008). Coleção Ser Protagonista. 3 vols.
- Português: contexto, interlocução e sentido (Luiza Abutre [et al], 2010). 3 vols.
- Português: Ensino Médio. (Nicola, 2008). 3. Vols.
- Novas palavras, nova edição, Emília Amaral [et al].2010. 3 vols.

Em todas essas coleções foram suficientes como amostragem na constatação do uso de provérbios não abordados nos componentes curriculares desses exemplares. Isso caracteriza que o ensino produtivo da língua portuguesa está aquém do ensino adequado que objetiva desenvolver a competência comunicativa de qualquer falante.

De uma forma geral, constatou-se que dos sete livros didáticos para o ensino do Português como língua estrangeira atenderam timidamente o que se esperava nos manuais pedagógicos do aprendiz da LE. Por outro, o material pedagógico usado como ferramenta para o ensino da língua materna, tanto do professor quanto do aluno, esse conteúdo não foi contemplado em nenhum dos seis livros consultados. Dito isto, é salutar o propósito desta pesquisa, construir um material com provérbios ou expressões proverbiais essenciais que os brasileiros usam em seus atos de fala, suscetível à interpretação semântica e pragmática.

Sobre o ensino do português como língua estrangeira, encontramos um artigo de Maria Josefa Postigo Aldeamil (1999), da Universidade Complutense de Madrid, intitulado "*Las parêmias en la enseñanza del portugués como lengua extranjera*" que retrata as limitações e deficiências nos manuais e materiais de treinamento para aprender português, usando os provérbios como recurso linguístico e, na opinião da estudiosa, um repertório de provérbios portugueses pode ser um dos caminhos que seve para articular as unidades de ensino.

3 METODOLOGIA

3.1 Contextos da pesquisa

Nossa pesquisa tem caráter experimental e se insere nos estudos da Linguística Aplicada. Partimos de pressupostos teóricos e metodológicos presentes em trabalhos já realizados em Paremiologia e mais precisamente no estabelecimento do Mínimo Paremiológico em outras línguas, conforme explicitado em nossa revisão da literatura.

Reiteramos que o conceito de Mínimo Paremiológico foi cunhado do linguista russo Permiakov (1971), em estudo realizado com a língua russa. A pesquisa tem caráter descritivo, utilizando o método estatístico, inspirado em Albigh (1931), por meio da estratégia da disponibilidade lexical e do reconhecimento, usados por Tarnovska (2002, p. 16), realizado para investigar o conhecimento de parêmias (refrões) da língua espanhola e, sob este modelo, constituiu-se o Mínimo Paremiológico do Português do Brasil por meio de frequência de uso de provérbios por falantes brasileiros em interações comunicativas no seu dia a dia.

3.2 Sujeitos da pesquisa

O experimento contou com 122 informantes, caracterizados pelos seguintes grupos:

Quadro 1 – Sujeitos da pesquisa divididos por grupos

GRUPOS					TOTAL
UNIVERSITÁRIOS			EJA	INTERNAUTAS	
LETRAS	HISTÓRIA	MÚSICA			
59	18	16	17	12	122

Fonte: A autora (2014)

A pesquisa contou com 93 graduandos da Universidade Estadual do Maranhão- UEMA, dos Cursos de Letras, (1º e 3º períodos), Música (4º período),

História (5º período), além de 17 estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Instituto Federal do Maranhão – IFMA e 12 internautas.

3.3 Testes experimentais da pesquisa

Os testes aplicados para a constituição do Mínimo Paremiológico do Português do Brasil foram os testes da Disponibilidade lexical e do Reconhecimento e Testes complementares (**ANEXO A**) que venham consolidar as citações realizadas nos dois primeiros testes.

3.3.1 Teste experimental I - disponibilidade lexical

O experimento da Disponibilidade lexical visa avaliar o grau de conhecimento dos informantes, buscando a memória como recurso de busca para citar os provérbios de que se lembrem em um tempo pré-determinado.

Ao apresentarmos o objetivo da pesquisa, alguns alunos demonstraram inquietação sobre o que seria provérbio. Logo, imaginamos uma forma de esclarecermos de que se tratava este gênero, simulando uma fala da seguinte forma: *“Pessoal, acredito que vocês já tenham usado em bate papo de vocês algumas frases ditas por seus avós, pais, ou pessoas mais velhas da convivência de vocês para darem algum ensinamento ou para justificarem alguma situação de momento, no intuito de passar, em poucas palavras, sem muito blábláblá uma lição de moral, uma advertência, ou coisa parecida, não é mesmo?”*

Concordaram dizendo: “é o ditado; outros falavam, é o provérbio”. E quando iam exemplificar falando um e outro termo, pedimos que escrevessem no papel, sem deixar o colega olhar, pois queríamos saber quem conhecia e usava provérbios ou ditados, conforme a quantidade de citações fornecidas por eles. Demarquei dez minutos para escreverem os provérbios de que se lembravam, sem dizer a eles esse tempo para deixá-los bem à vontade. Chegado este tempo, bati palmas para que encerrassem a escrita.

Na aplicação do Teste I, seguiu-se o seguinte comando: Escreva provérbios ou expressões proverbiais que você conheça.

A estratégia aplicada era que os informantes respondessem esse comando em 10 minutos. Neste teste, houve uma variedade de expressões que se enquadravam como provérbio e outras expressões que se distanciavam deste fraseologismo.

3.3.2 Teste experimental II - reconhecimento dos provérbios

Consideramos neste teste a apresentação de uma lista de provérbios ou expressões proverbiais aos informantes para que marcassem aqueles que conheciam ou usavam em seus atos comunicativos. Este experimento verificou a quantidade de provérbios armazenados na memória dos informantes, prontos para serem aplicados em atos de fala quando for necessário. Neste caso, a lista de provérbios, previamente selecionados, facilitaria o reconhecimento daqueles provérbios que usavam no dia a dia.

Tomamos como primeira referência os provérbios coletados no Teste I (experimento da disponibilidade lexical), complementados com os provérbios retirados de outras fontes, a exemplo da obra *Paremiologia Nordestina de Fontes Ibiapina*; da comédia “Amor por Anexim”, de Artur Azevedo, da música *Improvérbio*, de Chico Buarque de Holanda etc. Buscamos também em teses, artigos, dissertações e teses que tratavam da fraseologia brasileira, em especial, os provérbios. Junto a estes referenciais, buscamos coletar, de forma aleatória pelo WhatsApp, em grupo de amigos, estender este teste de reconhecimento dos provérbios.

O comando do Teste Experimental II seguia este critério: Na relação de provérbios e/ou expressões proverbiais marque as que que você conhece e usa no seu cotidiano quando necessário.

Aqui elencamos uma lista de provérbios ou expressões proverbiais para que os informantes destacassem as que conheciam e usavam em seus atos comunicativos.

São dois experimentos, que se complementam no momento da aplicação, porém o experimento da Disponibilidade lexical, embora o termo sugira “qualidade do que é disponível”, “ter algo à disposição de alguém”, nenhum provérbio foi disponível aos informantes; pelo contrário, eles faziam um esforço enorme em sua memória para tentar contribuir com o maior número de expressões possíveis.

É importante esclarecer, também, que no experimento da Disponibilidade lexical poderá ser insuficiente quanto à quantidade de citações dos provérbios, ou expressões proverbiais, por falantes, uma vez que um lapso de memória poderá ocorrer naquele momento no informante ao registrar tais provérbios ou expressões proverbiais, principalmente quando estão condicionados a um tempo pré-determinados. Vale esclarecer que no experimento do Reconhecimento proverbial, a exemplo do primeiro teste, podem ser registrados provérbios que não têm grande popularidade e circulação entre os falantes, ou até mesmo ocorrer confusão com outros fraseologismos.

Diante desta situação, o experimento da Disponibilidade lexical foi realizado antes do experimento de Reconhecimento proverbial, para que o resultado final de ambos ocorresse da forma mais fidedigna possível, sem influência de compartilhamento dos participantes nas citações dos colegas. Portanto, disponibilidade e reconhecimento dos provérbios foram complementares nestes experimentos.

3.3.3 Testes complementares aos experimentos anteriores, anteriores

Elaboramos outras estratégias, que denominamos “Testes Complementares”, para podermos avaliar os resultados obtidos nos testes I e II, Disponibilidade lexical e Reconhecimento dos provérbios, respectivamente.

3.3.3.1 Teste complementar A

Neste teste (APÊNDICE A), o método aplicado foi o realizado por Schindler (1993), para constituir o Mínimo Paremiológico Tcheco, para o qual o pesquisador ofereceu aos informantes uma lista com o “começo ou final do provérbio”, para que acrescentassem a parte que faltava na expressão proverbial ou provérbio. Para melhor entendimento do informante, é importante que seja colocada

a parte mais conhecida do provérbio, provocando o entendimento no complemento do provérbio para o informante. A seguir, exemplifica-se o comando deste teste, aplicado como uma sugestão de estratégia.

Com uma parte do provérbio incompleta, acrescente nas linhas pontilhadas os termos faltantes na expressão, a fim de retomar a forma original do provérbio.

1. Quem com ferro.....(começo do provérbio)
2.na mão do que dois voando. (final do provérbio)
3.caracoração. (meio e final do provérbio)

3.3.3.2. Teste complementar B

Os estudos paremiológicos modernos encontram atualmente, em meios de comunicação e na linguagem dos mais jovens, provérbios alterados da forma original, é o que Castro (1974, p. 72) chama de pseudoprovérbios. Isto demonstra que o falante ao usar uma forma de dizer um provérbio, já implica ter um conhecimento prévio deste texto gravado na sua memória.

Para a realização do Teste Complementar B (APÊNDICE B), serviram como material de aplicação a compilação dos pseudoprovérbios, retirados do Artigo de Castro (1974), intitulado “Pseudoprovérbios e ditos sob a ótica enunciativa” e o texto de Jô Soares, intitulado “Os provérbios do Planalto (VEJA, 1991). Estratégia aplicada para forçar a frequência dos provérbios citados nos outros experimentos.

Neste teste, as construções frasais possuem modificações estruturais que as tornam similares aos provérbios originais já consagrados na memória dos falantes. Isso favorece o reconhecimento dos fraseologismos experimentos realizados. O comando experimental deste Teste segue o modelo abaixo.

Pseudoprovérbios ou provérbios alterados foram colocados na lista abaixo. Para recuperar a forma original dos mesmos, siga o modelo seguinte:

Quem ri por último é retardado

Quem ri por último, ri melhor - (provérbio reconstituído)

- 1) Quem com ferro fere não sabe como dói (forma
- 2) Em casa de ferreiro só tem ferro
- 3) Quem tem boca fala o que quiser, mas quem tem grana é que vai a Roma!

- 4) Gato esaldado morre!
- 5) Quem espera fica de saco cheio.

3.3.3.3 Teste complementar C

O objetivo deste teste complementar (APÊNDICE C) é constatar, por meio da significação simulada do provérbio, a construção da forma original do mesmo. O comando deste teste deu-se da seguinte forma:

Encontre o provérbio original que corresponda à simulação frasal sugerida abaixo:

- 1) Não devemos reclamar de presentes ganhos: (**Cavalo dado não se olha os dentes**)
- 2) Conseguir dois objetivos com um só esforço. (**Matar dois coelhos em uma cajadada só**)
- 3) Insista que você consegue (**Água mole em pedra dura tanto bate até que fura**)
- 4) Quem fala muito, grita, ameaça alguém e geralmente não faz nada (**Cão que ladra não morde**)
- 5) Você pode ganhar num dia e perder no outro (**Um dia da caça outro do caçador**)

3.3.3.4 Teste complementar D

O aplicativo apresentado na forma de Carta Enigmática (APÊNDICE D) objetiva avaliar o conhecimento do informante por meio da estratégia visual do provérbio, associando cada imagem (emojis), até constituir o provérbio original completo.

A Carta Enigmática foi enviada a alguns grupos de amigos, via WhatsApp, para que os participantes desses grupos decifrassem as figuras que comandam ou formam o sentido da frase, resultando na descoberta do provérbio por meio das figuras. Instrução dada aos informantes fora que marcassem o tempo que levou a decifração das figuras e enviassem juntamente com a resposta do teste.

Siga o comando abaixo.

Encontre, nas figuras da Carta enigmática abaixo, no tempo máximo de 15 minutos, o provérbio representado pelas figuras a serem decifradas. Envie a resposta, juntamente com o tempo que disponibilizou para responder.

Figura 1 – Carta Enigmática dos ditados populares



Fonte: Referência do texto desconhecida – recebido pelo WhatsApp em 20/03/2014

Esta última estratégia ofereceu um clima de descontração, a ponto de envolvê-los num verdadeiro quebra cabeça em algumas imagens. Fizeram comentários sobre o esforço feito para se lembrarem do provérbio, pois as imagens não, segundo eles, levavam-nos a interpretações diversas.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Com base nos experimentos da disponibilidade lexical e do reconhecimento proverbial, realizado durante a pesquisa, passamos a analisar e descrever o conhecimento dos informantes, que representam os falantes da língua portuguesa brasileira, demonstrando o número exato de provérbios que são de conhecimento dos falantes nativos, feito à luz do método estatístico com enfoque quantitativo.

Teste da disponibilidade lexical

Neste primeiro experimento, foram coletados dos informantes 248 unidades que eles consideraram provérbios, porém, somente 176 foram realmente provérbios essenciais, pois haviam expressões ou frases proverbiais que não estariam nos critérios deste fraseologismo. Consideramos a frequência de citações entre todos os informantes. Foi um experimento que exigiu dos sujeitos uma forte concentração na busca de encontrar na memória um número bastante significativo de provérbios.

No somatório das citações, houve um equilíbrio entre os alunos universitários dos três cursos, a frequência de citações dos provérbios se igualava, porém, comparando com os informantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), tais citações superaram em alguns provérbios, principalmente aqueles que envolvem um ensinamento moral. Ressaltamos, também, que alguns provérbios citados nos experimentos, considerando o curso do tempo, só seriam ditos por pessoas mais velhas e, entre os universitários, esse provérbio teve citação significativa, a exemplo de “Quem não pode com o pote, não pega na rodilha”, com duas citações em Letras e duas em História, provavelmente este provérbio foi usado em algum momento por familiares ou pessoas mais velhas. Este provérbio é muito proferido no interior maranhense.

Dos 17 informantes da EJA, o provérbio “Quem não pode com o pote, não pega na rodilha” fora citado 10 vezes pelos participantes. À vista dos dados, aqui se confirma o que já dissemos anteriormente: usar provérbios não é prática só de pessoas mais velhas, é uma prática de todos, independentes de idade, nível de escolaridade e fator social.

No geral, constatamos que, mesmo sem nenhum comando como referência ou amostra, os informantes apresentaram um conhecimento proverbial satisfatório, considerando que os mesmos foram pegos de surpresa para responderem os experimentos. Os resultados foram bem reais, conforme a quantidade de provérbios e expressões proverbiais dados na execução do teste e o resultado após o término do teste, havendo um equilíbrio de conhecimento entre os grupos de informantes.

Teste de reconhecimento dos provérbios

Neste experimento, os informantes apresentam um nível de conhecimento e compreensão sobre os provérbios bastante consideráveis. Isto porque usou-se como referência ou comando os provérbios citados no Teste da Disponibilidade Lexical, entendendo que seria momento oportuno para aflorar outros provérbios que não foram lembrados no primeiro experimento, no caso, o da Disponibilidade Lexical.

A lista dos 176 provérbios ou expressões proverbiais coletados no primeiro teste foi apresentada novamente aos informantes, sendo acrescentados nesta lista outros provérbios, selecionados de outras fontes de pesquisas, no intuito de validar, de forma real, os outros testes que seriam feitos. Os provérbios e frases proverbiais apresentados na lista, tiveram uma frequência de citação bem superior em todos os grupos e em todos os experimentos posteriores aos dois primeiros, sendo necessário estendermos a pesquisa em outros testes complementares.

Testes complementares aos experimentos anteriores

São testes disponibilizados aos informantes em forma de exercícios e jogos com o intuito de reforçar o conhecimento dos provérbios citados nos dois primeiros experimentos, da Disponibilidade lexical e Reconhecimento dos provérbios. Aqui constatamos quase cem por cento nas respostas. Nenhum item dos exercícios deixou de ser respondido. Os testes aplicados foram denominados como:

Constituição de Provérbios fragmentados, Frases proverbiais simuladas, Pseudoprovérbios versus forma original e Retomada plena à forma original do provérbio.

Teste experimental A

Neste Teste Experimental, denominado **Constituição de Provérbios Fragmentados**, é apresentado com uma parte da expressão proverbial retirada, para ser retomada sua forma original nas linhas pontilhadas a partir das palavras-chaves do provérbio.

Considerando o resultado desta estratégia, constatou-se que o índice de conhecimento dos estudantes também foi muito satisfatório. Os dados demonstram que os provérbios disponibilizados foram reconhecidos por todos os informantes. A frequência de citação esclarece que a estratégia disponibilizada favoreceu a compreensão e, a partir disso, o conhecimento do provérbio condicionou o informante a reescrevê-lo para a forma original. Apenas o provérbio “Deus dá asas a quem não sabe voar” foi citado por três informantes, do 1º período do Curso de Letras, ocorrendo, portanto, a menor frequência desta estratégia.

Quanto ao provérbio mencionado acima, talvez por ser uma expressão proverbial, que está adaptada à cultura brasileira, entendemos que se trata de uma analogia do provérbio turco “*Deus encontra um tronco mais baixo para o pássaro que não pode voar*”. O provérbio citado pelos informantes de letras significa: “**pessoas que têm tudo na mão e não aproveitam**”. Na verdade, em português o provérbio é “*Deus dá nozes a quem não tem dentes*”, cuja significação, neste caso, é de utilidade pessoal.

Este provérbio também é de uso italiano dito da seguinte forma: “*Dio dà il pane a chi non há i denti*” (*Deus dá o pão para aquele que não tem os dentes*). Assim, têm-se outras frases proverbiais ditas por analogia, se é que podemos assim dizer, com o provérbio turco, “*Quem tem duas asas e que voar com seis, logo cansará e chorará*”. Desta forma, o teste experimental B confirma-se com o primeiro experimento, ou seja, o Teste da disponibilidade lexical, cujos informantes tiveram que buscar na memória os provérbios que conheciam, completando os provérbios ou expressões proverbiais já solicitados aos mesmos. Assim, confirmamos que o índice de conhecimento dos estudantes nesta estratégia estaria confirmado face ao resultado dos dois testes anteriores.

Teste complementar B

O comando deste teste teve o seguinte título “Frases proverbiais simuladas”, ressaltando que este teste contou com trinta frases proverbiais simuladas, algumas foram facilmente reconhecidas pelos informantes, outras, a forma de contextualização do provérbio direcionava-os a outras interpretações. Citemos o provérbio “*Deus dá asa a quem não sabe voar*”, o qual deu espaço para interpretações como “*Ele quer voar, mas não tem asas, não se pode voar sem asas, ou ainda*”, “*É mais fácil um burro voar e criar asas*”. Em geral, a estratégia confirmou, de forma satisfatória, os testes anteriores, com um quantitativo de quase cem por cento de todas as sentenças já selecionadas pelos Testes da Disponibilidade Lexicais, Reconhecimento dos provérbios e Testes Complementares A e B.

Teste experimental C

Este terceiro teste experimental, denominado Pseudoprovérbios versus forma original, foi construído e aplicado no formato de frases proverbiais com modificações estruturais similares aos provérbios originais. Tais modificações aproximam-se dos provérbios já são consagrados na memória dos informantes. De forma a favorecer o reconhecimento dos mesmos no experimento realizado. A forma de dizer das frases proverbiais condiciona os informantes demonstrarem um conhecimento prévio do texto que já está armazenado em sua mente. O teste veio confirmar os outros experimentos. O grupo da Educação de Jovens e Adultos, por ser composto por pessoas de idade variadas, a partir de 30 a 70 anos, entrou na sintonia dos pseudoprovérbios, decifrando de imediato a forma original dos mesmos. A sintonia resultou de forma lúdica entre os informantes, que por sua vez tentaram citar ou criar pseudoprovérbios. O resultado foi satisfatório em cem por cento na resolução das frases alteradas.

Teste experimental D

Por meio de uma carta enigmática, objetiva-se avaliar o conhecimento do informante por meio da estratégia visual de imagens, associando-as a termos do provérbio até constituir o todo. Este experimento contou com informantes no grupo

de amigos pelo WhatsApp, sem nenhum critério exigido na participação do teste, ou seja, sem levar em conta, idade, grau de formação, sexo, enfim, o objetivo era testar a prontidão dos informantes no reconhecimento das figuras e construção do provérbio. A única exigência na execução do teste era que marcassem o tempo gasto na decifração das imagens, não ultrapassando 10 minutos, e que fossem fiéis quanto à informação do tempo.

Este teste, apesar de parecer fácil de entendimento, não foi respondido em sua totalidade pelos informantes. Foi o teste que mais exigiu a atenção dos participantes, pois a correspondência das figuras ao sentido do provérbio foi muito difícil, ao ponto de ficarem três ditados sem respostas em alguns informantes do grupo.

O comando deste teste sugere que, em até 10 minutos, os informantes decifrassem os emojis da carta enigmática. Informe o tempo gasto na decifração das imagens. Caso ultrapassem o tempo combinado, que fosse informado no momento da entrega do teste.

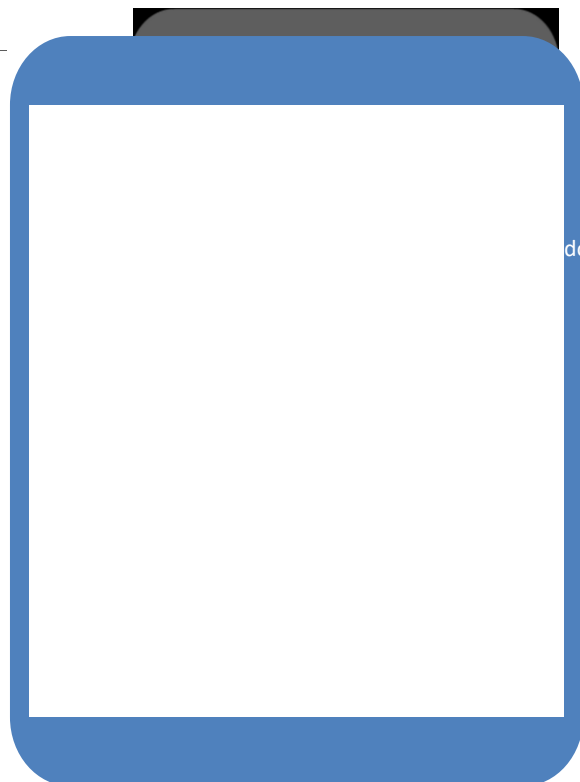


Figura do WhatsApp

Os emojis não respondidos por alguns informantes foram:

- 7) Apressado come cru e quente.
- 14) A curiosidade matou o gato.

11) Cavalo preso também.

Resultado do teste em tempo/ internautas:

- De 8 a 10 minutos: 5 internautas
 - De 9 a 12 minutos: 3 internautas
 - De 11 a 15 minutos 2 internautas
 - Não conseguiram responder nenhum até os 15 minutos: 2 internautas.
- 15 internautas não conseguiram identificar os provérbios de nº 7, 11,14.

Considerando o resultado deste teste, é oportuno compararmos que a compreensão dos provérbios simulados contidos no Teste Complementar B foi construída com mais precisão pelos informantes, enquanto a Carta Enigmática exigiu maior esforço na tradução dos participantes, já que a percepção deles não foi suficiente para tal reconhecimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Provérbio é uma sabedoria condensada que dá cor e vida à fala do homem comum” (LEO ROSTEU).

Na justificativa do Projeto de doutoramento nos dispomos realizar um estudo sobre a Paremiologia brasileira, buscando estabelecer fundamentos teórico-metodológicos que viessem demonstrar, no conjunto das parêmiias, em particular os provérbios ou sentenças proverbiais da Língua Portuguesa brasileira, que o falante desta língua tem conhecimento, a ponto de se considerar competente em sua língua materna.

Existia uma inquietação que resultou numa hipótese de ser possível uma investigação para averiguar a existência de termos e enunciados paremiológicos específicos de uso na fala brasileira. Essa hipótese foi considerada possível, embora o Brasil, por ter uma divisão regional bastante considerável, e que por conta disso variedades regionais vão apontar especificidade marcantes em cada região, ou seja, haverá a possibilidade de se encontrar uma expressão proverbial que é partilhada pelos membros de determinada região com um termo diferente do original, o que nos deixa entender tratar-se de um dito popular regional, não trazendo como um enunciado proverbial peculiar de todos os falantes brasileiros, situados de Norte a Sul, Leste a Oeste. Sobre isto, citarei a sentença “Se não pode com o pote, não busque a rodilha.” No teste do Reconhecimento proverbial, os informantes deste experimento no Norte disseram desconhecer esta expressão. Porém, isso não significar ser generalizados por todos desta região.

Nessa perspectiva, podemos considerar que o objetivo proposto se cumpriu a partir da constatação na hipótese de que existe realmente o “Mínimo Paremiólogo do Português do Brasil.

Por outro lado, a investigação para esta pesquisa também se justificou, principalmente, porque não há estudos desenvolvidos que busquem um conjunto, “mínimo” que seja, de provérbios que venham caracterizar vivências e experiências que demonstrem a competência comunicativas dos brasileiros. O “mínimo” esperado é no sentido de se constatar quantas e quais sentenças ou expressões proverbiais o falante nativo tem conhecimento para considerar-se um falante competente desta língua.

Os métodos aplicados com os testes confirmaram a competência linguística e comunicativa dos informantes que representaram os falantes nativos da Língua Portuguesa, vistos em níveis de escolaridade, faixa etária e gêneros diversificados. A competência linguística expressa na resolução dos testes experimentais demonstrou a capacidade que todos os sujeitos informantes tiveram em saber e aprender com um provérbio, tanto que recorrem aos mesmos em atos comunicativos interpessoais.

A competência comunicativa neste caso se completa levando em conta não só aspectos puramente linguísticos, mas culturais e contextuais. Seguindo esse pensamento, ressaltamos que os informantes foram competentes para usarem a língua em alguns testes, porém não apresentaram prontidão em outros, no caso do Teste da Simulação Proverbial em que alguns informantes tiveram dificuldades em compreender o provérbio a partir do contexto simulado.

Ficou comprovado que o falante brasileiro tem em sua memória seu acervo paremiológico já constituído, podendo apropriar-se em momentos discursivos orais ou escritos, constatados a partir do momento em que responderam satisfatoriamente ao Teste da Disponibilidade Lexical, sem nenhum recurso condutor, em um espaço de tempo pré-determinado de forma satisfatória, comprovados pela relação de provérbios citados pelos informantes.

O Teste de Reconhecimento dos provérbios contou com uma frequência média de 50 a 80 provérbios entre os universitários. Quanto aos estudantes de EJA, a citação foi em média 55 a 70 provérbios ou expressões proverbiais em todos os testes. Um total de 248 citações foram colhidas, entre elas concorriam enunciados que fugiam do nosso propósito de seleção, ou seja, provérbios ou expressões proverbiais, a exemplo de “Olhou casou, não gostou deixou!”, “Para ser feliz, pensa numa redonda e diz já sou feliz”, “Quebrou a cabeça, despontou um provérbio”. Muito interessante foi o que observamos nestas frases, há uma cadência melódica que, segundo os informantes, são provérbios, pois suscita um conselho, uma advertência, logo apresenta um tom moral.

À vista dos dados, é notório que o grau de conhecimento em alguns provérbios fora igual, tomando por base o conjunto de todos os informantes, chegando, portanto, em cem por cento a frequência de citações, considerando a lista dada, a partir da seleção feita em todos os experimentos realizados como estratégia de sondagem.

Em relação à compreensão dos Testes Complementares, assinalamos que todos os informantes realizaram o Teste com segurança, pois já tinham conhecimento da maioria dos provérbios propostos por conta dos dois experimentos, exceto os da Carta Enigmática que, mesmo tendo um tempo determinado, até extrapolando esse tempo, mesmo assim não teve decifração total.

Finalmente com os provérbios mais repetidos em todos os Testes, construímos o Mínimo Paremiológico com uma lista de 72 provérbios ou expressões de cunho proverbial que são do conhecimento e uso dos falantes nativos do Brasil (como se encontram listados ao final do texto bem como representados no mapa do Brasil).

É uma pesquisa que não se dá por terminada, uma vez que pretendemos continuar com a pesquisa, com mais precisão, por região e por estado de todo o Brasil. Quanto ao ensino e aprendizagem, o Mínimo Paremiológico estará à disposição de professores, alunos e tradutores uma vez que a nossa intenção é fazermos um estudo paremiológico que contemple de norte a sul de leste e oeste com outros testes de validação proverbial.

MÍNIMO PAREMIOLÓGICO BRASILEIRO

- 1) Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.
- 2) Quem com ferro fere com ferro será ferido.
- 3) Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.
- 4) Filho de peixe, peixinho é.
- 5) Em casa de ferreiro, espeto de pau.
- 6) Quem tem boca vaia Roma.
- 7) Em terra de cego, quem tem um olho é rei.
- 8) Em terra de sapo, de cócoras com ele.
- 9) Quem não tem cão caça com gato.
- 10) Diga-me com quem andas que te direi quem és.
- 11) Faça o que digo, mas não faça o que faço.
- 12) Uma andorinha só não faz verão.
- 13) Quem anda com porcos farelos come.
- 14) De grão em grão a galinha enche o papo.
- 15) Quem ama o feio bonito lhe parece.

- 16) Antes só que mal acompanhado.
- 17) Santo de casa não faz milagre.
- 18) Há males que vêm para o bem.
- 19) Antes tarde do que nunca.
- 20) Quando um não quer, dois não brigam.
- 21) Quem ri por último, ri melhor.
- 22) Quem vê cara não vê coração.
- 23) Os últimos serão os primeiros.
- 24) A pressa é inimiga da perfeição.
- 25) Um dia da caça outro do caçador.
- 26) Mentira tem perna curta.
- 27) É dando que se recebe.
- 28) Pau que nasce torto nunca se endireita.
- 29) Alegria de pobre dura pouco.
- 30) A esperança é a última que morre.
- 31) Macaco velho não põe a mão na cumbuca.
- 32) Nunca diga: desta água não beberei.
- 33) Se Maomé não vai a Roma, Roma vai a Maomé.
- 34) Depois da tempestade vem a bonança.
- 35) Deus ajuda quem cedo madruga.
- 36) Cada macaco no seu galho.
- 37) Devagar se vai ao longe.
- 38) Quem dá aos pobres empresta a Deus.
- 39) Gato escaldado tem medo de água fria.
- 40) Quem fala o que quer, ouve o que não quer.
- 41) Deus dá asas a quem não sabe voar.
- 42) Se um não quer dois não brigam.
- 43) Cavalo dado não se olha os dentes.
- 44) A ocasião faz o ladrão.
- 45) A esmola quando é grande o santo desconfia (variante: o cego desconfia).
- 46) Se conselho fosse bom ninguém dava, vendia.
- 47) Cabeça que não pensa o corpo padece.
- 48) Falar é fácil, fazer é que é difícil.
- 49) Cada cabeça uma sentença.

- 50) O boi engorda é com o olhar do dono.
- 51) Mente vazia oficina do diabo.
- 52) As aparências enganam.
- 53) Aqui se faz, aqui se paga.
- 54) O sapato só aperta onde lhe doem os pés.
- 55) À noite, todos os gatos são pardos.
- 56) Quem vê a barba do vizinho queimar, põe a sua de molho.
- 57) Errar é humano.
- 58) Amigos, amigos negócios a parte.
- 59) Quem quer vai, quem não quer manda.
- 60) Tal pai tal filho.
- 61) Em boca calada não entra mosca.
- 62) Quem canta seus males espanta.
- 63) Não faça uma tempestade com um copo d'água.
- 64) Matar dois coelhos em uma cajadada só.
- 65) Deus dá o frio conforme o cobertor.
- 66) O uso do cachimbo faz a boca torta.
- 67) Não se entra em briga de marido e mulher.
- 68) Vão se anéis e ficam os dedos.
- 69) Nem tudo que reluz é ouro.
- 70) Uma andorinha só não faz verão.
- 71) Melhor prevenir do que remediar.
- 72) Para bom entendedor, meias palavras bastam.

Queremos deixar claro que, algumas expressões fraseológicas, citadas nesta lista, podem ser consideradas na categoria de ditados populares. O registro se deu porque foram citadas por todos os informantes em todos os experimentos, o que vem confirmar a dificuldade de se definir provérbio ou dito popular como é proferido e usado pelos brasileiros no seu dia a dia.

REFERÊNCIAS

- ALBIG, William. Proverbs and Social Control. **Sociology and Social Research**, Proverbium, 1, v. 15, 1931.
- AMARAL, Amadeu. **Tradições populares**. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1948.
- ANDRADE, Tadeu Luciano Siqueira. **Provérbios falados no Nordeste**: um olhar linguístico e histórico. Salvador: Codefas/Uneb, 2002. Disponível em: http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais_20v/civ3_09.htm. Acesso em: 2 jun. 2013.
- ANSCOMBRE, Jean-Claude. **La parole proverbiale**. 34^e année, n.139. Paris: Larousse, Septembre, 2000.
- ANSCOMBRE, Jean-Claude. Estructura métrica y semántica de los refranes. **Paremia**, v.8, 1999.
- ANSCOMBRE, Jean-Claude. Reflexiones críticas sobre la naturaleza y el funcionamiento de las paremias. **Paremia**, v.6, 1997.
- ARNAUD, Pierre. J. L. Reflexions sur le proverbe. **Cahiers de lexicologie**, n. 59: 1991.
- ARORA S. L., Paremiología hispanoamericana: ¿un campo en peligro de extinción?. **Paremia**, v.9. Madrid, 2000.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estrutura mental do léxico. In: QUEIROZ, T. A. (Ed.). **Estudos de filologia e linguística**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981.
- BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. **A fraseologia medieval latina como reflexo de uma sociedade**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ. 1999. Tese de Doutorado em Língua e Literatura Latina. 1999.
- BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. **Atualizações da idade média - a paremiologia em latim medieval: um espelho sócio-linguístico-cultural**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2002.
- BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. **Considerações acerca da fraseologia**: sua conceituação e aplicabilidade na idade média. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2005.
- CAMARA, Perestrelo da. **Coleção de Proverbios, Adagios, Rifãos, Anexins da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Typographia Eduardo e Henrique, Laemmert, 1848.
- CARREIRA, Maria Helena Araújo. A língua portuguesa em contexto: saberes linguísticos, discursivo-textuais e culturais. In: BASTOS, Neusa Barbosa: **Língua portuguesa: lusofonia e diversidade cultural**. EDUC, 2008.

CASTRO, Maria Lília Dias de. Provérbios e ditos sob a ótica enunciativa. X **Encontro Nacional da Anpoll**. Caxambu, MG, 1994.

CASTRO, Maria Lília Dias de. Pseudoprovérbios e ditos sob a ótica enunciativa. **Organon**. Porto Alegre. Vol. 9, n. 23, 1995, p. 69-76.

CHACOTO, Lucília Maria. **Estudo e formalização das propriedades léxico-semânticas das expressões fixas proverbiais**. U.D.L. Faculdade de Letras: 2009.

COMBET, Louis. Los refranes: origen, función y futuro. **Paremia**, 5, Madrid. 1996.

COSERIU, E. **Introducción al estudio estructural del léxico**. Madrid: Gredos, 1977.

COSERIU, E. **Teoria da linguagem e linguística geral**. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

DÍAZ PÉREZ, J. C., Desarrollo de la competencia paremiológica en estudiantes de enseñanza primaria y secundaria. **Paremia**, v.6, 1997.

FIORIO, Mario Nilton. **Quem conta um conto**. A metáfora rural de provérbios em língua portuguesa. Goiânia: UCG, 1995.

FULGÊNCIO, Lúcia Monteiro de Barros. **Expressões fixas e idiomatismo do português brasileiro**. (Tese Doutorado). Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2008. 489f.

GRÉSSILLON, A; MAINGUENEAU, Dominique. **Polyphonie, proverbe et détournement**. **Langages** 73: Paris, 1984.

IBIAPINA, Fontes. **Paremiologia Nordestina**. Teresina: UFPI, 1969.

LIMA, Diógenes Cândido. O uso do provérbio no ensino de língua materna: uma análise contrastiva. **Fólio — Revista de Letras**, Vitória da Conquista, v. 03, n. 02, p. 237-250, jul./dez. 2011.

LODOVICI, Flamínia M. Moreira. **Os elementos constituintes dos idiomatismos no português do Brasil**. (Dissertação de mestrado). São Paulo: PUC-SP, 1989.

LUYTEN, Joseph M. **Sistema de comunicação popular**. São Paulo: Ed. Ática, 1988.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo de. **Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1977.

MARTELLOTA, Mario Eduardo. (org) **Manual de linguística**. ed. 1ª. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTÍNEZ, M^a.do Amparo Campos. Los refranes en la enseñanza de español como lengua extranjera. **Revista de Estudios de Adquisición de la Lengua Española**. Alcalá de Henares: 1999, p. 9-29.

MIEDER, Wolfgang. **Paremiological Minimum and Cultural Literacy**: In: Creativity and tradition in folklore: New directions, edited by S. J. Bronner. Logan: Utah, 185–203. 1995.

MIEDER, Wolfgang. Consideraciones generales acerca de la naturaleza del proverbio: **Paremia**, 3, Madrid, 1996, p. 17-26.

MIEDER, Wolfgang. Historia y futuro de los refranes comunes en Europa. **Paremia**, ISSN 1132-8940, n.9, 2000, p. 15-24.

MONTEIRO, Rosemeire Selma. Produtividade fraseológica: do cognitivo ao cultural. In: SILVA, Suzete (org.). **Fraseologia; CIA**: entabulando diálogos reflexivos. Londrina: UEL, 2012.

MOTA, Ático Vilas Boas da. **Provérbios em Goiás**: contribuição à paremiologia brasileira. Goiânia, Oriente, 1974.

MOTA, Leonardo. **Adagiário brasileiro**. Fortaleza. Edições Universidade Federal do Ceará: J. Olímpio, 1982.

NEVES, Luís Guilherme Santos. **Historiador**. Gazeta on line. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/pesquisar?query=historiador> .Acesso: 10 mai. 2013.

NUNES, Francivaldo Alves. Os provérbios em coletânea da língua Portuguesa: aspectos da sociedade brasileira oitocentista. **Revista Litteris** – ISSN: 19837429 n. 10, setembro 2012.

OBELKEVICH, James. Provérbios e história social. In: BURKE, P; PORTER, R. (org.). **História social da linguagem**. São Paulo: UNESP, 1997, p.43-81.

ORTÍZ ALVAREZ, M. L. As expressões idiomáticas dentro da obra lexicográfica. São Paulo: **Revista Brasileira de Linguística**, v.9, p.181-212, 1997.

ORTÍZ ALVAREZ, M. L. **Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba**: estudo contrastivo e implicações para o ensino do português como língua estrangeira. 2000. 334f. Tese (doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

PERINI, Mário A. **Princípios de linguística descritiva**: introdução ao pensamento gramatical. São Paulo: Parábola, 2006. 208 p.

PERMIAKOV, Gregoryi L. **On the Question of a Russian Paremiological Minimum**. Proverbium 1: 1989, p. 91-102.

PINTO, Edith Pimentel. **A Gramatiquinha de Mário de Andrade: Texto e Contexto**. São Paulo: Duas cidades: Secretaria de estado da Cultura, 1990.

POTTIER, B. **Linguistique générale: théorie et description**. Paris, Klincksieck, 1974.

PRATA, Mário. **Mas será o Benedito?** 2ª ed. São Paulo: Globo, 1996.

PRATA, Mário. **Provérbios sobre provérbios**. Coleção "Sancho Pança". São Paulo: 1961.

SARDELLI, Maria Antonella. **Gyula Paczolay: the Hungarian Paremiologist**. Trabajo em marca dentro del Proyecto de Investigación Ampliación del mínimo paremiológico FFI2008 02681/FILO (Ministerio de Ciencia e Innovación). *Paremia*, 18: 2009, pp. 11-20. ISSN 1132-8940. Universidade Compostense de Madrid.

SEVILLA MUÑOZ, J. Propuesta de sistematización paremiográfica. **Revista de Filología Románica**, ISSN 0212-999X, ISSN-e 1988-2815, n.8: Madrid: 1991, p. 31-39.

SEVILLA MUÑOZ, J. **Presupuestos paremiológicos de una propuesta metodológica para la enseñanza de los refranes a través de El Quijote**. 2005: p 117-128.

SEVILLA MUÑOZ, J. El refranero hoy. **Paremia**, 9, Asociación Cultural Independiente, 1994, p. 147 -150.

SEVILLA MUÑOZ, J. Las paremias españolas: clasificación, definición y correspondencia francesa. **Paremia**, 2, 1993, p. 15-20.

SEVILLA MUÑOZ, J. **Pocas palabras bastan**. Vida e interculturalidad del refrán. Salamanca: Centro de Cultura Tradicional (Diputación de Salamanca). Editor: Ángel Carril, 2008.

SEVILLA MUÑOZ, J. La competência paremiológica: los refranes. **Proverbium**, 14, 1997, p. 367-381.

SEVILLA MUÑOZ, J; GARCÍA YELO, M. (en prensa): Las paremias en la competencia comunicativa del francés actual con vistas a la enseñanza de lenguas. **XVII Congreso APFUE Texte, genre, discours**. Salamanca, 7-9 de maio de 2008.

SIMÕES, Alzira M. de Jesus. **Sinopse histórica do adagiário e paremiologia populares portuguesas**. Reelaboração de um dos capítulos da tese de Mestrado O porco: animal simbólico-cultural visto através de provérbios portugueses. 1996. Deptº. de Sociologia.

TARNOVSKA, Olga. **Considerações acerca del mínimo paremiológico español**. Tesis Doctoral. **Paremia**, 17, 2008, p. 101-109. ISSN 1132-8940.

TARNOVSKA, Olga. Correspondencias entre el mínimo paremiológico español y ruso. In: SABIO, J. A.; GUATELLI et alii (eds): *Traductología y lingüística aplicada: IV*

Jornadas hispano-rusas de traducción e interpretación. Granada: Método, 263-271.

TARNOVSKA, Olga. Sobre los refranes de El Quijote. **Didáctica** (Lengua y Literatura), v.17, 2005, p. 285-300.

TARNOVSKA, Olga. El mínimo paremiológico en la lengua española”. In: PAMIES, Antonio; LUQUE, Juan de Dios (eds.): **La creatividad en el lenguaje:** colocaciones idiomáticas y fraseología. Granada: Método, 197-217.

VELLASCO, A. M. de M. S. **Um estudo dos padrões de uso de provérbios na sociedade brasileira.** Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, DF. 1996.

VYSHNYA, Natalia. Mínimo paremiológico ucraniano y peculiaridades de su traducción. Universidad Pedagógica de Poltava (Ucrania). **Paremia**, 17, 2008, p. 101-109. ISSN 1132-8940.

XATARA, C. M. & SUCCI, M. T. Revisitando o conceito de provérbio. **Revista Veredas online – aemática PPG- Linguística/UFJF**, p. 33-58, 2008.

Teste experimental II - reconhecimento dos provérbios

Na lista de provérbios mais populares abaixo, marque as unidades conhecidas ou usadas no seu dia a dia.

- 1) As melhores essências estão nos menores frascos; assim como os piores venenos.
- 2) Atrás de um grande homem tem uma grande mulher.
- 3) A pressa é inimiga da perfeição.
- 4) Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.
- 5) Águas passadas não movem moinho.
- 6) A mentira tem pernas curtas.
- 7) As aparências enganam.
- 8) A grama é sempre mais verde do lado do vizinho.
- 9) A cabeça não serve só para separar as orelhas.
- 10) Após a tempestade vem a bonança.
- 11) As paredes têm ouvidos.
- 12) Água e conselho só se dão a quem pede.
- 13) À noite todos os gatos são pardos.
- 14) A justiça tarda, mas não falha / falta.
- 15) A palavra é prata o silêncio é ouro.
- 16) A corda sempre arrebenta pelo lado mais fraco.
- 17) Aqui se faz aqui se paga.
- 18) Antes só do que mal acompanhado.
- 19) Antes tarde do que nunca.
- 20) Apressado come cru.
- 21) A ocasião faz o ladrão.
- 22) A união faz a força.
- 23) Amigos amigos, negócios a parte.
- 24) Amor com amor se paga.
- 25) A grama do vizinho sempre é mais verde.
- 26) A mulher sábia edifica a sua casa e a tola destrói com as próprias mãos.
- 27) A morte não chega de véspera.
- 28) A repetição é a mãe do estudo.
- 29) Antes falar que mal falar

- 30) A resposta branda a ira quebranta.
- 31) Beleza não põe a mesa.
- 32) Beleza sem virtude é rosa sem cheiro.
- 33) Cada louco com sua mania.
- 34) Cavalo dado não se olha para os dentes.
- 35) Cachorro que late não morde.
- 36) Cachorro mordido por cobra tem medo de linguíça.
- 37) Cada qual com seu igual.
- 38) Cada um sabe onde lhe doem os calos.
- 39) Cabeça vazia, oficina do diabo.
- 40) Cabeça que não pensa o corpo padece.
- 41) Cavalo dado não se olha para os dentes.
- 42) Cada cabeça uma sentença.
- 43) Cada um dá o que tem.
- 44) Criou fama e deitou na cama.
- 45) Caiu na rede é peixe.
- 46) Casa de ferreiro, espeto de pau.
- 47) Cada macaco em seu galho.
- 48) Cão que ladra não morde.
- 49) Cavalo de cachaceiro conhece o caminho do boteco.
- 50) Da a César o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus.
- 51) Caiu na rede é peixe.
- 52) Casa de ferreiro, espeto de pau.
- 53) Cada macaco em seu galho.
- 54) Deus ajuda quem cedo madruga.
- 55) De tostão por tostão chega-se ao milhão.
- 56) De pensar morreu um burro.
- 57) Dar murro em ponta de faca.
- 58) Devagar se vai ao longe.
- 59) De grão em grão a galinha enche o papo.
- 60) Diga-me com quem andas que te direi quem és.
- 61) Deus escreve o certo por linhas tortas.
- 62) Eu não guardo mágoa mas também não sofro de amnésia.
- 63) Em terra de cego quem tem um olho é rei.

- 64) Entre marido e mulher não se mete a colher.
- 65) Em rio de piranha jacaré anda de costas.
- 66) Errar é humano.
- 67) Em boca calada não entra mosca.
- 68) Filho de peixe, peixinho é.
- 69) Fazer uma tempestade num copo d'água.
- 70) Falar é fácil, fazer é que é difícil.
- 71) Gato escaldado tem medo de água fria.
- 72) Gosto é igual relógio, uns tem outros não.
- 73) Gosto não se discute, se lamenta.
- 74) Jogar verde para colher madura.
- 75) Jamais confie em puxa-sacos.
- 76) Língua não tem osso, mas quebra caroço.
- 77) Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão.
- 78) Leite de vaca não mata bezerro.
- 79) Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.
- 80) Macaco velho não pula de galho em galho.
- 81) Macaco velho não mete a mão em cumbuca.
- 82) Mentira tem pernas curtas.
- 83) Melhor perder um minuto da vida do que a vida em um minuto.
- 84) Nunca diga que desta água não beberéis.
- 85) Nada como um dia depois do outro.
- 86) Não há rosas sem espinho.
- 87) Não se faz omelete sem quebrar os ovos.
- 88) O barato sai caro.
- 89) O pior cego é o que não quer ver.
- 90) O boi engorda é com o olhar do dono.
- 91) Onde há fumaça há fogo.
- 92) Para bom entendedor meia palavra basta.
- 93) Quem não arisca não petisca.
- 94) Quem não chora não mama.
- 95) Quem tudo quer nada tem.
- 96) Quem avisa amigo é.
- 97) Quem canta seus males espanta.

- 98) Quando um não quer dois não brigam.
- 99) Quem quer faz, quem não quer manda.
- 100) Quem tem boca vai a Roma.
- 101) Quando a esmola é grande o cego desconfia.
- 102) Quem vê a barba do vizinho arder põe a sua de molho.
- 103) Quem não tem cão caça com gato.
- 104) Quem ri por último ri melhor.
- 105) Quem canta seus males espanta.
- 106) Quem vê cara não vê coração.
- 107) Quem usa cuida (quem disso cuida disso usa).
- 108) Quem espera sempre alcança.
- 109) Quem com ferro fere com ferro será ferido.
- 110) Quem com porcos anda farelo come.
- 111) Tal pai tal filho.
- 112) Toca o sino ou acompanha a procissão.
- 113) Um dia da caça outro do caçador.
- 114) Um olho no peixe e outro no gato.
- 115) Uma mão lava a outra e as duas lavam o rosto.
- 116) Uma ovelha mal põe um rebanho a perder.
- 117) Uma andorinha só não faz verão.
- 118) Santo de casa não faz milagre.
- 119) Se conselho fosse bom ninguém dava vendia.
- 120) Seguro morreu de velho.
- 121) Um olho no peixe outro no gato.
- 122) Amor com amor se paga.

APÊNDICE A – TESTE COMPLEMENTAR A

Com **uma parte do provérbio** retirada, construa o provérbio citado abaixo, completando as linhas pontilhadas, de forma a retomar sua forma original.

1. Quem com ferro
- 2.....na mão do que dois voando.
3. é a inimiga da perfeição.
4. Cavalo dado nãoos dentes.
5. A ocasião faz
6.dois não brigam.
7. Cada cabeça
- 8.O boi engorda
9.quem não quer
10.ri melhor.
11.cara.....coração.
12. Quem usa
13. Falar é fácil,
15. A esperançamorre.
16. Em terraé rei.
17. Se Maomévai a Maomé.
18. Macaco velho
19.não pula de galho em galho.
20. Não se entra em briga
21. Dinheiro compra pão, mas
22.o corpo padece.
23.o santo desconfia.
- 24.....farelos come.
25.ninguém dava, vendia.
26. Antes.....acompanhado.
27. À noitepardos.
28. Água e conselho só se dão.....
29.com sua mania.

- 30.onde lhe doem os pés.
- 31.não bebereis
- 32.....não se olha os dentes.
- 33. Mais valevoando.
- 34. Façao que faço.
- 35. Devagar

APÊNDICE B - TESTE COMPLEMENTAR B

Pseudoprovérbios ou provérbios alterados foram colocados na lista abaixo, recupere a forma original dos mesmos de acordo com a estratégia que segue.

Quem ri por último é retardado

Quem ri por último, ri melhor - (provérbio reconstituído)

1) Quem com ferro fere não sabe como dói.

2) Em casa de ferreiro só tem ferro.

3) Quem tem boca fala o que quiser, mas quem tem grana é que vai a Roma!

4) Gato escaldado morre!

5) Quem espera fica de saco cheio.

6) Quando um não quer o outro insiste ou os 2 brigam.

7) Os últimos serão os desclassificados.

8) Há males que vêm para ferrar com tudo mesmo!

9) Se Maomé não vai à montanha é porque ele se mandou pra praia.

10) A esperança e a sogra são as últimas que morrem.

11) Quem dá aos pobres cria o filho sozinha.

12) Depois da tempestade vem à enchente.

13) Devagar se demora chegar.

14) Antes tarde do que mais tarde.

15) Em terra de cego quem tem um olho é caolho.

16) Quem cedo madruga fica com sono o dia inteiro.

17) Pau que nasce torto urina no chão.

18) Mentira tem perna curta, barba branca, língua presa e um dedo a menos.

19) É dando que se engravida.

20) Quem ri por último é retardado.

21) Alegria de pobre é impossível.

22) Criou fama e deitou no dinheiro.

23) A morte chega de surpresa.

24) Deus dá dentes a quem não tem nozes.

25) Cada porco em seu chiqueiro.

26) Diz-me com quem andas e eu te direi se vou contigo.

27) Os últimos serão os desclassificados.

28) A pressa é inimiga da conexão.

29) Amigos, amigos, senhas a parte.

30) A comissão faz o ladrão.

31) A cargo dado não se olha o dente.

32) Devagar se vai ao lago.

33) Deus ajuda lobista que madruga.

34) Quem tem boca vai e arruma.

35) De grão em grão o café enche o bolso.

36) Quem tem PC não morre pagão.

37) Os cães ladrões e a Malta passa.

38) Depois da impunidade vem a bonança

39) Há malas que vem para o bem.

40) Uma aliança só não faz verão.

APÊNDICE C - TESTE COMPLEMENTAR C

Encontre o provérbio original que corresponda à **simulação frasal sugerida** abaixo:

Não devemos reclamar de presentes ganhos: (**Cavalo dado não se olha os dentes**)

1) Conseguir dois objetivos com um só esforço.

2) Não devemos reclamar de presentes ganhos.

3) Descubrem logo quando estamos mentindo.

4) Insista que você consegue.

5) Quem fala muito, grita, ameaça alguém e geralmente não faz nada.

6) Não devemos reclamar de presentes ganhos.

7) Descubrem logo quando a gente mente (mentira tem pernas curtas).

8) A maioria é que está com a razão.

9) Insista que você consegue.

10) O que passou, passou bola pra frente.

11) Cada um deve ficar em sua posição, em seu lugar.

12) Quem fala muito grita, ameaça alguém, geralmente não faz nada.

13) Pouco a pouco se consegue um intento.

14) Depois de algo ruim, sempre acontece algo bom, o sossego.

15) Quem começa a trabalhar cedo ganha mais dinheiro.

16) Não devemos ter pressa para atingir nossos objetivos.

17) Quem sabe um pouco mais e brilha diante dos ignorantes.

18) Semelhança física ou intelectual que o filho tem do pai.

19) A pessoa experiente não se engana facilmente.

20) É melhor ter a certeza de ter algo certo que sonhar com mais.

21) Conseguir dois objetivos com um só esforço.

22) Quando recaírem as consequências de um ato sobre quem o praticou pensando prejudicar a outrem.

23) Se o interlocutor for esperto, não precisamos ficar em detalhes do que estamos falando.

24) O que ou quem nasce de um jeito não tem jeito, será sempre aquilo.

25) Quem está alegre não tem problemas.

26) Quem tem calma sempre acaba conseguindo o que quer.

27) Você é responsável por suas criações.

28) Quem provoca ou procura encrenca pode se dar mal.

29) Quem tem boa conversa consegue tudo.

30) Se a pessoa ou a situação não vem até você, você deve procurá-las.

31) Você pode ganhar num dia e perder no outro.

APÊNDICE D - TESTE COMPLEMENTAR D – CARTA ENIGMÁTICA

Encontre, nas figuras da **Carta Enigmática** abaixo, no tempo máximo de 15 minutos, o provérbio representado pelas figuras decifradas. Envie a resposta, juntamente com o tempo que disponibilizou para responder.

Quais são os ditados populares?

- 1) 🐎 🎲 🐵 😬
- 2) 🌍 🐵 😜 👑
- 3) 😭 🖐️ 🍼
- 4) 🐵 🚫 🐝
- 5) ✚ 🐣 🖐️ 🐣 🐣 ✈️
- 6) 😊 🏠 🖐️ 🙏
- 7) 🕒 😊 🍷 🏆 👄
- 8) 🌿 🌬️ 🌂 ⚡
- 9) 🐵 🌴 🐵 🌴
- 10) ⌚ 🚶 🍷 👦 👦
- 11) 🐎 🚓 🌿
- 12) 👦 👦 👦 👦 👦 👦 💪
- 13) 🐎 😊 🍬 🌿 😊
- 14) 📦 ? 📍 🐱
- 15) 😍 🐛 🧒 👁️ 👁️